



amm

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXV — N.º 4
ABRIL — 1984 — Cr\$ 600,00

A VIDA: ARTE DE CONVIVER E PARTILHAR

**QUARESMA
DIREITOS HUMANOS**

**IGREJA E TRANSFORMAÇÃO
HOMEM VELHO E HOMEM NOVO**

GRÁTIS!

Vivendo na unidade
nossa morada
torna-se
um paraíso.



Ref.: P.020

FORMATO: 28 cm x 42 cm

NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

GANHE ESTE BELÍSSIMO PÔSTER TOTALMENTE GRÁTIS!

• COMO FAZER?

É MUITO FÁCIL. É SÓ ANGARIAR 2 ASSINATURAS NOVAS DA REVISTA AVE MARIA. FALE COM SEUS FAMILIARES, PARENTES, AMIGOS OU CONHECIDOS, OFEREÇA A ELES A REVISTA AVE MARIA; CONSIGA 2 ASSINANTES NOVOS E, PRONTO! VOCÊ GANHARÁ O BELÍSSIMO PÔSTER ACIMA COM UMA BONITA MENSAGEM CRISTÃ.

• COMO ENVIAR?

PREENCHA OS CUPONS ABAIXO COM LETRA BEM LEGÍVEL E ENVIE PARA:

REVISTA AVE MARIA: RUA MARTIM FRANCISCO, 656 - CEP 01226 - SÃO PAULO, SP.

CONSEGUI OS 2 NOVOS ASSINANTES ABAIXO. POR ISTO PEÇO À REVISTA "AVE MARIA" QUE ME ENVIE GRÁTIS O PÔSTER ACIMA: REF.: P.020

• ESTOU REMETENDO O VALOR DAS DUAS ASSINATURAS NOVAS (12.000,00) À REVISTA "AVE MARIA" POR

CHEQUE DO BANCO (Pagável em S. Paulo)
ou VALE POSTAL Data / /84

MEU NOME _____

MEU ENDEREÇO _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

Assinatura _____

1º ASSINANTE

Nome _____

Rua _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

2º ASSINANTE

Nome _____

Rua _____

_____ CEP _____

Cidade _____ Est. _____

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Acontecimentos e fatos da Igreja.
 - 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
 - 7 • **REZEMOS AO SENHOR**
As intenções missionárias de João Paulo II.
 - 8 • **SEMANA SANTA**
Recordando as cerimônias da semana santa.
 - 9 • **QUARESMA**
Tempo de reconciliação.
 - 12 • **HOMEM VELHO E HOMEM NOVO**
Luta da Lei de Deus e do pecado.
 - 14 • **A CONJUNTURA NACIONAL E A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS**
 - 15 • **DIREITOS HUMANOS**
Artigo 4º.
 - 16 • **A VIDA: ARTE DE CONVIVER, PARTILHANDO**
A vida é a partilha da própria convivência.
 - 17 • **IGREJA E TRANSFORMAÇÃO**
Participando, constrói-se uma nova sociedade.
 - 18 • **"POR QUE PERDOAR"**
Para que no mundo haja paz.
 - 19 • **COMPREENSÃO**
Compreender é captar a intenção profunda das pessoas.
 - 21 • **VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DO TRABALHADOR**
"Coragem eu venci o mundo".
 - 24 • **O BOI E A BOIADA**
É preciso odiar o pecado e amar o pecador.
 - 25 • **O LIVRO ESCOLAR: O MUNDO IRREAL QUE APRESENTA**
A limitação de perspectivas futuras de uma jovem.
 - 26 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Onde há criança, há festa e alegria.
 - 29 • **INTOLERÂNCIA OU VERDADEIRO AMOR?**
A maneira certa de tomar o alcoólatra.
 - 30 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
Subsídios para as leituras dominicais.
 - 32 • **PENTECOSTES**
Nova lei do amor.
 - 34 • **O SANTO SUDÁRIO**
As provas inquietantes que a fé não pede.
 - 36 • **ORAÇÃO À NOSSA SENHORA DO 3º MUNDO**
- FOTO DA CAPA: Mecenas M. Sales

EDITORIAL

Páscoa, um desabrochar para a nova vida

Todos nós aspiramos viver e, mais, queremos ter a vida com abundâncias. A Páscoa, que é a ressurreição de Cristo, é a vida total que Ele nos dá. Nele temos uma vida que vai para além da morte.

A caminhada da Igreja e da humanidade se faz concretamente no dia-a-dia e o rumo dos nossos esforços tem um escopo: a vida em plenitude. Contudo, o pecado do egoísmo, do orgulho e da auto-suficiência provocam desvios nestes caminhos que fatalmente levam à morte.

Para os cristãos, Cristo ressuscitado é a real esperança da vida nova em plenitude. Daí que os evangelhos e a vida de Cristo vêm nortear os nossos passos. Se confrontarmos o rumo da nossa vida com o Caminho que é Cristo, em muitos lugares e momentos vamos ver que os desvios que tomamos muitas vezes nos distanciaram bastante dele. Como fazer então? A melhor saída é o atalho pela conversão.

A quaresma é este excelente tempo e boa oportunidade para parar e retomar o caminho. Neste novo trajeto a penitência e a oração têm sua importância e o seu lugar porque nos firmam no caminho do amor a Deus e da santificação. O diácono Aury explana este tema no artigo "Quaresma".

Já no artigo "Homem Velho e Homem Novo", o Pe. José Penalva desdobra o pensamento do apóstolo São Paulo sobre a lei de Deus e a lei do pecado; de suas tensões o homem santo e pecador que tem tendências para o bem e para o mal.

Na dimensão social o pecado é o sistemático aviltamento à vida. Concretamente um dos exemplos deste pecado é a falta de emprego. Sabemos que lentamente o desempregado vai perdendo seu poder de compra, depois perde sua esperança e com ela a vontade de viver. É uma via-sacra dolorosa e triste. Este drama aparece no depoimento especial de Waldemar Rossi para a AVE MARIA no artigo "Vida, Morte e Ressurreição do Trabalhador".

A ressurreição de Jesus Cristo é vitória sobre a morte quando a tornamos realidade concreta na história de hoje. E o primeiro passo indispensável é conhecer e aceitar o direito de todos os homens. Convém saber também como e por que tantos direitos são violados e que estruturas mantêm este regime de morte lenta e contínua. Um pouco desta complexa temática é abordada no artigo "A Conjuntura Nacional e a Violação dos Direitos Humanos". E em "Igreja em Transformação", frei Leonardo Boff mostra-nos de que maneira a Igreja acelera ou retarda a atualização do mistério da ressurreição de Cristo na vida dos homens.

A vida em plenitude não pode ser considerada como algo que cai do céu. Ela supõe contínuas retomadas, esforço, perseverança, compreensão, sinceridade e até sacrifícios. A "Sagrada Face", na terceira capa, nos lembra o rosto do nazareno que viveu, morreu e ressuscitou por nós por amor, e que nos disse: "Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado" (Jo 15,12). A festa da Páscoa é a oportunidade para o desabrochar de uma nova vida.

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Fotelito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. - Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 600,00 - Ass. Anual Cr\$ 6.000,00 - Ass. de Benfiteiro Cr\$ 10.000,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Márcia Monteiro, Alceu Luiz Orso, José Wanderley Dias, Ana Valim, André Carbonera, Leonardo Boff, Isidoro De Nadai, Mauro Martins AmatuZZi, Antônio Lagoa, Giuseppe Grampa, Maria Amélia Santos Vaz e L. F. Santoro, Ida Laura, Pedro Casaldáliga, Maria do Carmo Fontenelle, Carlos Antônio Pereira, Severiano Rodrigues e Donald Lazo.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Atílio Cancian.

Diretor Administrativo: Nestor Antônio Zatt.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isalás Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Gealdo Moreira, Joaquim Dias de Castro, Antônio T. Sato, Diomar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

Papa que sofreu atentado escreve sobre sofrimento

Vaticano (CIC) — O papa João Paulo II anunciou que publicou, com data de 11 de fevereiro, uma Exortação Apostólica sobre o sentido cristão do sofrimento humano. “Pensei — disse o Papa na Praça de São Pedro — que era oportuno e cheio de significado, neste Ano Santo da Redenção, em que se comemora de maneira especial a morte salvadora de Jesus na Cruz, exortar os cristãos e meditar, com mais profundidade e convicção, sobre o valor insubstituível do sofrimento”. “Com esta carta, acrescentou o Papa, quero ajudar os cristãos a aceitar o ‘Evangelho do sofrimento’, como um plano misterioso mas cheio de amor, da Providência divina”. O Santo Padre dedicou o documento especialmente aos doentes e o pôs sob a proteção da Virgem de Lourdes.

Rússia massacra no Afeganistão

Cabul (CIC) — Segundo diplomatas ocidentais que trabalham em Cabul, capital do Afeganistão, o exército soviético invasor continua massacrando pessoas como se fossem animais do mato. No dia 2 de fevereiro o bombardeio da pequena cidade de Istafet matou centenas de crianças e mulheres indefesas. No dia 31 de dezembro de 1983, como represália, foram assassinados 193 civis na cidade de Rauza. A aviação russa bombardeou “por engano” um quartel afegão, matando um general e numerosos soldados.

Pobres são desafio para a Igreja na AL

Lima (CIC) — O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, que recentemente completou 25 anos de vida sacerdotal, afirmou que os pobres, como fenômeno social na América Latina, são uma realidade que se torna “desafio para a Igreja em sua missão de dar testemunho de Deus”. A afirmação foi feita perante um auditório formado por pastores e líderes evangélicos batistas, metodistas, pentecostais e da assembléia de Deus. Gutiérrez assinalou que, sobretudo nas últimas décadas, a pobreza e a situação de injustiça são realidades que têm de questionar a sociedade e as Igrejas na América Latina, e isso exige que o trabalho de evangelização leve em conta e tematize, explicitamente, a situação dos pobres.

Morre único semanário católico do Paraguai

Assunção (CIC) — O semanário católico *Sendero* deixou de circular desde 20 de janeiro último. *Sendero* era órgão da Conferência Episcopal Paraguaiense, porém, não reproduzia só a informação oficial do episcopado, mas servia de órgão noticioso, formativo e pastoral. Já há mais tempo o jornal vinha sofrendo dificuldades econômicas, e foram elas que determinaram o fechamento, apesar de ser o único periódico expressivo da Igreja paraguaiense. Segundo informações colhidas na secretaria da Conferência Episcopal,

o jornal poderá voltar a circular dentro de alguns meses ou, no máximo, dois anos.

Religiosos se revelam favoráveis às diretas

Taboão da Serra (CIC) — O secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, sete bispos auxiliares da arquidiocese paulista e dirigentes das Igrejas cristãs — Anglicana, Metodista, Evangélica de Confissão Luterana e Presbiteriana Independente — estiveram reunidos em Taboão da Serra, SP, para discutir sobre a educação religiosa nas escolas públicas e a intensificação do trabalho ecumênico junto à população carcerária. Os religiosos se manifestaram favoráveis às eleições diretas, embora se revelassem conscientes de que elas

não resolverão os “múltiplos problemas” do povo brasileiro como “o desemprego, seca, violência, corrupção e falta de reforma agrária”. Os religiosos consideram o Colégio Eleitoral “não legítimo, nem representativo do povo brasileiro”.

Anglicanos mantêm indissolubilidade

Londres (CIC) — A Conferência Episcopal anglicana, composta de 44 bispos, rejeitou o projeto de novo casamento dos divorciados (cf. CIC de 27.12.1983), que fora proposto para o Sínodo daquela Igreja protestante. Como proposta, o assunto passara com relativa facilidade, embora exigindo condições bem delineadas. Na hora decisiva do Sínodo, porém, os bispos mantiveram a tradição da indissolubilidade, não se distinguindo, neste particular, em nada da doutrina católica.

ONU denuncia torturas na Europa Oriental

Genebra (CIC) — A Comissão dos Direitos Humanos, que iniciou sua conferência anual no dia 6 de fevereiro em Genebra, discutirá um relatório preparado por esta mesma entidade que denuncia “a horrível utilização da psiquiatria, dos tratamentos psiquiátricos e de tortura através de drogas”, nos países da Europa Oriental, aplicada em “centenas de pessoas inocentes e sãs”. Segundo o relatório, a detenção em hospitais psiquiátricos atinge sobretudo “aquelas pessoas que lutam pelas liberdades fundamentais e exercem seus direitos humanos”. Com base nos dados fornecidos pela Anistia Internacional, o relatório afirma que entre as drogas usadas para a punição dos detentos estão o haloperidol, aminazin e triftazin, além dos eletrochoques e choques de insulina que são aplicados. Estimam-se em cerca de dez mil os prisioneiros políticos e religiosos nos hospitais psiquiátricos, campos de trabalho e prisões soviéticas.

A maior condecoração para madre Teresa

Calcutá (CIC) — A Rainha Isabel da Inglaterra concedeu a Madre Teresa de Calcutá com a medalha da Ordem do Mérito, por seus trabalhos em favor dos pobres e doentes. A condecoração é a mais alta de todas e só pode ser concedida pela Rainha em ocasiões e a pessoas excepcionais. No momento, a madre Teresa é a única pessoa viva que possui a Ordem do Mérito da monarquia inglesa. Ao recebê-la, madre Teresa comentou: "É para a maior glória de Deus!"

Mais uma prova da autenticidade do Sudário

Chicago (CIC) — O jesuíta e professor de teologia na Loyola University, Francis Filas, revelou que, segundo análises auxiliares por computador eletrô-

nico, apareceu mais uma prova da autenticidade do Sudário, que se guarda em Turim. Na análise foram descobertos caracteres de moedas cunhadas em 29 d.C. por Pôncio Pilatos, data próxima à crucificação.

Programa mariano

Petrópolis (CIC) — A partir de 25 de março as rádios católicas do País levarão diariamente ao ar o programa "Do jeito de Maria". Montado pela Congregação dos Irmãos Maristas e pela UNDA-Brasil, o programa tem a duração de 5 minutos.

Divulgando a mensagem cristã

Brasília (CIC) — Querendo divulgar a mensagem cristã, um grupo de católicos vem, há 4 anos, rezando na rodoviária de Brasília, DF. Com cânticos, orações e pregação, atraem a muitos que transitam por aquele local.

O aborto interessa às potências internacionais

Rio de Janeiro (CIC) — "A tentativa de legalização da prática do aborto se insere no conjunto de iniciativas que visam a implantar, em nosso povo, uma mentalidade contraceptiva e antinatalista, que interessa às grandes potências econômicas internacionais", diz a nota publicada pelo Conselho Nacional de Leigos (CNL) que vem lutando contra a corrente liberacionista do aborto no País. "Os países pobres — segundo o CNL — não podem crescer demograficamente além dos limites tolerados pelos países ricos, para não abalar as regras injustas das relações internacionais, que podem ser afetadas pela pressão do consumo interno crescente nos países de economia dependente, pelo aumento da população". O Conselho Nacional de Leigos considera que "a prática do aborto é uma prática contra a vida e, portanto, contrária à essência mesma da mensagem evangélica que anuncia um mundo em que a morte é vencida pela vida".

Religiosos americanos pedem pela paz

Washington (CIC) — Preocupados com a intervenção estadunidense na Nicarágua, religiosos norte-americanos, em abaixo-assinado, exigiram que o Governo de seu país cesse imediatamente com as investidas no País da América Central. "Dirigimos ao nosso Governo o pedido de que cesse todo apoio de ataques armados contra o Governo e o povo da Nicarágua. Pedimos ao povo dos Estados Unidos que resista a pensamentos, palavras e obras que conduzam à guerra. E nos comprometemos a chamar os membros de nossos organismos e os que conosco vivem e trabalham que se unam a nossos esforços para uma positiva reconciliação com o povo nicaraguense".

Patriarca copta preso

Cairo (CIC) — O patriarca copta de Alexandria, Chenouda III, continua confinado no mosteiro de Saint Bichoí no vale do Wadi Natroum, no deserto ocidental. A prisão domiciliar imposta pelo presidente egípcio Hosni Mubarak já dura mais de 28 meses.

A religião na China

Pequim (CIC) — A constituição chinesa impede que mosteiros do país recebam jovens com menos de 18 anos, uma vez que na China a religião só pode ser praticada por pessoas com idade superior a esta.

Ordenação de mulheres na Igreja Anglicana

Londres (CIC) — A primeira mulher a receber o sacerdócio na Igreja Anglicana completou 40 anos de ordenação e a data foi celebrada na catedral de Westminster. A revda. Florença Li Tim Oi, de origem chinesa, recebeu elogiosa carta do arcebispo primaz anglicano, Dr. Robert Runcie. A ordenação de mulheres na Igreja Anglicana até hoje não é assunto pacífico.

AVISO AOS ASSINANTES DE SÃO CARLOS, SP

O nosso REPRESENTANTE DE SÃO CARLOS (SP), Sr. Ernesto Guedes de Camargo, já está fazendo as visitas anuais, para renovação de assinaturas e fazer assinaturas NOVAS. A fim de facilitar aos interessados, que assim desejarem, atende também depois das 13 horas, à Rua Benedito da Silva, 1.056 — (Jard. S. Carlos) — Telefone 71-8067.

AVISO AOS ASSINANTES

Os representantes da AVE MARIA, João Menezes e Jerônimo de Faria, visitarão em breve as seguintes cidades paulistas e mineiras: São José do Rio Pardo, Caconde, Mococa, Arceburgo, Guaxupé, Muzambinho, Guaraniésia, Monte Santo, Itamoji, São Sebastião do Paraíso, Cássia, Passos de Minas, Carmo do Rio Claro, Areado, Alfenas, Paraguaçu, Machado, Poços de Caldas, Andradas.

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP

1.947

EXISTÊNCIA DO PURGATÓRIO

Gostaria que fosse citada uma passagem da Bíblia que fale da existência do purgatório. (A. do C. A. - Vitória, ES).

Na Sagrada Escritura não temos referências explícitas e claras da existência do purgatório. Contudo, fala-se de uma certa transformação radical do homem realizada após a sua morte em 2Mac 12,43ss onde está escrito que Judas encontrou muletos nos soldados mortos numa batalha, orou e ordenou fazer uma coleta para ser enviada a Jerusalém, a fim de poder oferecer sacrifícios pelos mortos. Destas palavras deduziu-se, nos últimos séculos antes de Cristo, que havia entre os judeus a convicção de que depois da morte pode existir uma libertação dos pecados e por isso esperava-se poder dar-lhes uma ajuda com a oração e os sacrifícios.

Jesus supõe também esta verdade quando diz que o pecado contra o Espírito Santo não será perdoado neste mundo, nem no outro (Mt 12,32). Desta afirmação *pode-se* deduzir que existem pecados que podem ser remidos depois da morte. E o apóstolo S. Paulo na 1.^a carta aos coríntios (3,11-15) desenvolve um pensamento similar.



1.948

REZAR PELAS ALMAS

Será que nós aqui na terra rezando pelas almas, elas podem ser salvas? (A. C. A. - Vitória, ES).

Nós fiéis, que vivemos ainda na história, devemos ajudar os defuntos do purgatório com as nossas orações, com o sacrifício da missa e com as diversas obras que eliminam as conseqüências do pecado, daqueles pecados cometidos por eles quando ainda viviam na história. Esta idéia fundamenta-se na comu-

nicação que existe entre todos os membros da Igreja e que a morte não pode destruir. A morte aniquila só aqueles laços humanos fundados sobre a dimensão somática, mas purifica e aprofunda os laços nascidos da graça entre os defuntos e em nós continua existindo uma comunhão misteriosa que pode se manifestar de modo "visível" nas nossas orações e nas obras que pretendem ajudar os defuntos do purgatório.

A constituição dogmática *Lumen Gentium* (n.º 50), do Concílio Vaticano II, diz: "A Igreja, re-

conhecendo essa comunhão de todo o corpo místico de Jesus Cristo, desde os inícios da religião cristã cultivou com grande piedade a memória dos defuntos". E no n.º 51 cita o Concílio de Trento que declarou como doutrina de fé a existência do purgatório e juntamente o valor dos sufrágios, sobretudo da missa pelos fiéis defuntos.

E no n.º 51: "O Sacrossanto Sinodo recebe com grande respeito aquela venerável fé de nossos antepassados sobre o consórcio vital com os irmãos que estão na glória celeste ou ainda se purificam após a morte".

1.949

"POSSESSÃO DIABÓLICA"

Gostaria de saber se ainda acontece de uma pessoa ficar possessa do demônio. (J. A. - Arcos, MG).

Por *possessão diabólica* entende-se a presença do demônio em determinado corpo, presença em virtude da qual o maligno domina esse corpo e, mediante o corpo, as faculdades psíquicas do possesso. Lendo os evangelhos constatamos: a) a menção de endemoniados ou demoníacos — Mc 1,32-34; Lc 6,17; 7,21. b) Jesus atribui a si o poder de expulsar demônios e o distinguiu nitidamente da capacidade

CONSULTÓRIO POPULAR

de curar doentes — Lc 13,32. c) O próprio Cristo mandou que os apóstolos e os discípulos expulsassem demônios — Mt 10,8; Mc 16,17. d) Jesus apresenta o poder de expulsar demônios como sinal da sua missão messiânica — Jo 12,31; 14,30; Lc 11,20.

Dentro das reservas que a prudência impõe, a Igreja admite casos de possessão diabólica, os quais em geral ocorrem associados a doenças nervosas mais ou menos declaradas. O Ritual Romano "De Exorcizandis a daemônio" (n.º 3) diz que os sacerdotes "não creiam com facilidade que alguém esteja possuído pelo demônio, mas levem devidamente em conta os sinais pelos quais o possesso se distingue dos que sofrem de... alguma doença". Os sintomas apresentados pelos possessos são: convulsões, linguagem estranha, ímpetos de furor, clamores, etc... Estes sintomas são apresentados geralmente acompanhados de evidente revolta contra Deus, desafio ao Senhor, blasfêmia, imoralidade fortemente obscena, falsas crenças... Não podem ser consideradas, sem mais, casos de possessão diabólica as situações de obsessão, impulsionamento ou inibição que contrariam o temperamento habitual do paciente, embora este esteja convencido de ser vítima de força estranha e maligna. A Igreja reconhece que, em épocas passadas, houve quem, com demasiada facilidade, apelasse para interven-

ções demoníacas, a fim de explicar fenômenos extraordinários (ex.: "história das bruxas" na Idade Média). A nossa meditação e reflexão diária de cristãos não devem preocupar-nos em demasia com as manifestações extraordinárias do psiquismo humano, mas com o curso cotidiano da vida pessoal e social de nossos dias em que as iniciativas e realizações vão se tornando cada vez mais naturais: Isto no fundo tem um cunho satânico ou diabólico; haja vista, por exemplo, a tendência de relativizar tudo, confundir o bem e o mal, a honestidade e a desonestidade, o respeito e o deboche, o desafio do homem a Deus...

1.950

FUMAR

Fumar é pecado? Se for pecado o vício de fumar, então por que a Igreja não proíbe? Gostaria que me explicasse através da Bíblia. (A. J. A. - Itaocara, RJ).

Na Bíblia não há nenhuma passagem explícita, de modo claro, de que a pessoa que fuma está cometendo pecado. Sequer os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja mencionam a proibição do ato de fumar como algo pecaminoso. É evidente que o fumo não é um remédio para o organismo da pessoa, mas o contrário. Toda pessoa que preza a sua saúde física deve fazer um esforço de deixar esse hábito de fumar, porque não faz bem ao seu organismo.

REZEMOS AO SENHOR

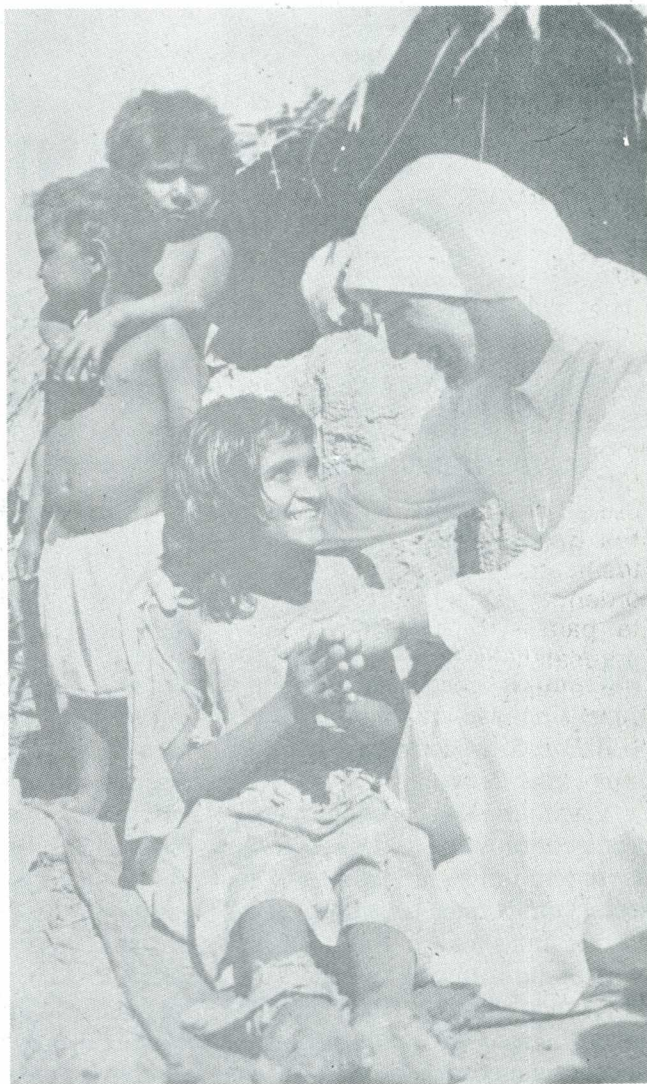
Intenções missionárias - abril de 1984

Para que o Reino de Deus chegue a todos os homens é que elevamos ao céu nossos corações unidos às nossas preces, em todas as línguas.

O papa João Paulo II propõe para cada mês do

ano novas intenções das orações pelas missões, na oração dos fiéis.

Assim, todo o povo que reza estará ainda mais em comunhão com os irmãos que rezam nas outras partes do mundo.



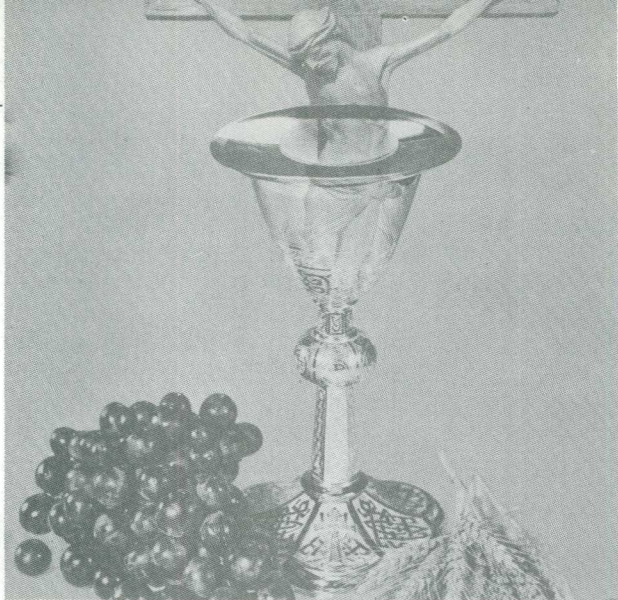
INTENÇÃO MISSIONÁRIA

Pelo incremento da vida contemplativa nos territórios de missão. Rezemos ao Senhor.

"Eu animo, de maneira mais enérgica, as contemplativas, que se encontram em terras da África e peço a Deus que os seus mosteiros se encham de vocações seriamente motivadas" (João Paulo II no Carmelo de Kinshasa, 3/5/80).

INTENÇÃO GERAL

Pelo incremento das vocações à vida consagrada, problema fundamental da Igreja.



SEMANA SANTA

Coronel Lagoa

Cristo nos é apresentado em sua grandeza e despojamento, convidando-nos a viver à luz dos acontecimentos de sua vida.

Na *Semana Santa* se comemoram os acontecimentos mais impressionantes da nossa Religião — *A Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*.

Cada uma das cerimônias celebradas durante os dias da *Semana Santa* têm um significado todo especial, umas mais tocantes que as outras; umas mais chocantes e impressionantes que as outras.

Começa a semana com a tradicional *Bênção das Palmas*. É a comemoração condigna, mas singela da entrada de Jesus em Jerusalém.

Se na Terra Santa ele foi entusiasticamente aplaudido pelos seus admiradores, aqui, nas igrejas, o é principalmente pelas crianças, pois o *Domingo de Ramos* é festivamente comemorado por elas e pelos jovens. Na hora da bênção, todos gostam de agitar, no ar, bem alto, os ramos e galhos que trouxeram de casa. Na volta para suas casas, agitam-nos nas ruas,

nas conduções, para comprovar que eles também querem a *Jesus como Rei!!!*

As cerimônias que a Igreja celebra na *Quinta-Feira Santa* lembram-nos a *Última Ceia* com os Apóstolos. A ceia histórica que foi perenizada, eternamente, por Leonardo da Vinci!

Ninguém que tenha visto o quadro de Leonardo há de se esquecer da *Instituição da Divina Eucaristia* e muito menos do discípulo infiel, do traidor *Judas*, o homem ingrato, corrupto, que vendeu seu melhor amigo, que entregou seu chefe aos seus mais rancorosos inimigos. Na *Quinta-Feira Santa* a Igreja celebra também a cerimônia do *Lavapés*, em que Pedro se recusou que Cristo lavasse seus pés. Mas a resposta de Cristo foi incisiva, ameaçadora: “*Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo*”. Diante de tamanha ameaça, sobressaiu a humildade de Pedro: “*Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça*”.

Logo depois, Jesus declarou: “*Um de vós há de me trair*”. Esta sentença, esta declaração terrível deixou os Apóstolos atônitos, perturbados. Por isso apelaram para o discípulo amado, *João*, que o interrogou, perguntando: “*Quem é?*” E Jesus imediatamente decla-

rou, sem dizer o nome: “*É aquele a quem eu der o pão embebido*”.

Foi durante esta última refeição que Jesus tomou o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu aos seus discípulos, dizendo: “*Tomai e comei, isto é o meu corpo*”. Depois tomou o cálice, rendeu graças e deu-lho, dizendo: “*Bebei todos dele, porque isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por muitos homens, em remissão dos pecados*” (Lc 26,26-29). Esta cerimônia é repetida, em todo o mundo, pela Igreja, há quase dois mil anos”.

As cerimônias da *Sexta-Feira* têm por fim comemorar a *Paixão*. Uma dessas é a *Procissão do Enterro*. No *Sermão da Paixão*, a maioria dos pregadores fala sobre as *Sete Palavras de Jesus*. Este é o sermão que mais impressiona os ouvintes católicos. Nestas sobressai a bondade de Jesus, que na hora da morte se lembra de perdoar os seus algozes, levando consigo o *bom ladrão*. Destacam-se também aquelas que disse à sua *Mãe* e a *João*, seu amigo dileto, dando-lhe uma mãe carinhosa, divina e bondosa. Possamos nós, no momento derradeiro, entregar nossa alma como Cristo entregou a sua: “*Meu Pai, em vossas mãos entrego minha alma*”.

Nas comemorações de *sexta-feira* não podemos nos esquecer daquela que “*Estava ao pé da cruz, Maria, sua mãe*”. A dor de Maria, na morte de seu Filho, não se pode exprimir por palavras, pois não existem palavras adequadas para fazer a descrição de tão enorme dor. Ela deve ser meditada, e meditada profundamente. Não é sem razão que tem o título de “*Rainha dos Mártires*”, pois não se achará um só deles que tenha tido um martírio tão intenso, tão doloroso e tão constante como o da “*Mater Dolorosa*”.

Permiti-me, Senhora, que vos faça uma súplica: “*Santa Mãe, isto vos peço: que as chagas do crucificado fiquem impressas em meu peito*”.

É tempo de reconciliação
com Deus, consigo
mesmo, com os outros.
Diretrizes do
VI Sínodo dos Bispos.



QUARESMA

Aury Azélio Brunetti

Quando um irônico repórter inter-
pelou, em Roma, Dom Jozef
Tomko, Secretário-Geral do VI Sínodo
dos Bispos, perguntando-lhe:

“Mas, afinal, o que Vossas Excelên-
cias pretendem: salvar os velhos con-
fessionários de suas igrejas?”, ouviu
esta resposta: “Muito mais do que os

confessionários; a Igreja quer salvar
o homem!”

O VI Sínodo dos Bispos — VI
SB, realizado em Roma de 29/9 a

28/10 do ano passado, teve a participação de 216 padres sinodais, procedentes de todo o mundo católico, que debateram, com amplitude e profundidade, com zelo pastoral e coloridos regionais, "A Reconciliação e a Penitência na Missão da Igreja" — tema este dos mais oportunos, aprofundado em meio às celebrações do Ano Santo comemorativo dos 1950 anos da Redenção do Mundo por Nosso Senhor Jesus Cristo, que é o mistério central do cristianismo.

Ano Santo e Sínodo dos Bispos

Na sua bula de proclamação do Ano Santo "Aperite Portas Redemptori", de 23/1/83, o papa João Paulo II disse que este Jubileu Extraordinário da Redenção "é um tempo de graça e de salvação", de conversão pessoal e de reconciliação, centrado no agosto Mistério da Redenção, que consiste em "restituir o homem a Deus, restituir Deus ao homem e restituir o homem a si mesmo, através da tomada de consciência de que ele foi feito 'à imagem e semelhança de Deus' (Gn 1,26; cf L'Os. Romano, 2/1/83).

Na verdade, converter-se, fazer penitência, viver a reconciliação é, essencialmente, aplicar-se os frutos da Redenção; é usufruir a Salvação que nos adveio, a todos, do sangue, da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Filho de Deus Encarnado: "Fostes comprados por um grande preço" (2Cor 6,20; 7,23).

É ser perdoado dos pecados; é receber também as Indulgências, ou seja, o indulto das penas temporais devidas aos pecados já perdoados, mediante a aplicação, pela Mãe Igreja, dos merecimentos de Cristo, Redentor Divino, em nosso próprio proveito e também em favor das almas do purgatório.

Em várias oportunidades, o papa João Paulo II ressaltou a íntima conexão entre estes dois importantes acontecimentos — o Ano Santo e o Sínodo dos Bispos, pois, se a Igreja pode falar em conversão, reconciliação e penitência, é porque foi remida pelo Sangue de um Redentor Divino e por Ele reconciliada com o Pai: "Onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5,20).

Três pontos importantes, no VI SB

Em entrevista na Sala de Imprensa da Santa Sé, em 6/10/83 (cf. L'Os. Romano, 23/10/83, págs. 6-7), o cardeal Joseph Hoeffner, arcebispo de Colônia, na República Federal da Alemanha, discorreu sobre os três pontos seguintes, debatidos logo nas primeiras sessões do VI SB:

1) *Diminuição do sentido do pecado* — O homem moderno não se preocupa em viver em "estado de graça": antes, aceita, respira, vive e promove o pecado. Infelizmente, hoje já é realidade o prognóstico feito pelo papa Pio XIII, em 1946: "O maior mal do mundo de hoje talvez seja este: os homens começaram a perder o sentido do pecado" (Discursos e Radiomensagens, VIII, 288).

2) *A tensão entre dimensão pessoal e dimensão social do pecado* — Uma das características do mundo moderno é a importância dada ao social. Daí a forte consciência das injustiças sociais. Na própria Igreja, "verificou-se um certo desvio da consciência do pecado, da dimensão pessoal para a social".

Entretanto, isso não significa que a dimensão pessoal do pecado deva passar para segundo plano: antes, os padres sinodais acentuaram que precisamente por ser um fato pessoal, o pecado tem também uma dimensão social. Pois todo ato pessoal tem influxo social. É o orgulho e o egoísmo do homem que deterioram o ambiente social e envenenam as estruturas e as relações sociais. É o homem quem peca, e não as estruturas. A dimensão pessoal é a causa e raiz do pecado, analogamente denominado social, estrutural.

3) *A Igreja, ministra da Redenção* — Sacramento da Redenção e da Reconciliação, a Igreja de Jesus Cristo precisa estar interiormente reconciliada para poder assumir sua missão de reconciliadora, visto que "Deus lhe confiou o ministério da reconciliação do homem com Deus" (4 Cor 5,18).

Neste sentido, o VI SB fez veementemente apelo ao mundo todo, profundamente dividido pela violência e ameaçado até pela hecatombe nuclear, para uma reconciliação geral: a começar no interior da própria Igreja, entre

conservadores e progressistas, rigoristas e condescendentes; entre os cristãos (*Ecumenismo* foi um dos temas desenvolvidos durante o VI SB, com a participação de Dom Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo); reconciliação com os judeus e o islão; entre países ricos e pobres, do hemisfério norte e do sul, do Leste e do Oeste, do Oriente e do Ocidente.

Deslumbrado pelo hedonismo consumista e materialista, o mundo moderno não só ignora a tríade penitencial que a Igreja propõe a todos: *jejum, oração e esmola* (conversão, perdão, reconciliação, mútua ajuda, paciência nas dificuldades, pobreza e enfermidades), mas promove a "cultura pagã do prazer", e muitos vivem em criminoso esbanjamento, enquanto muitos outros curtem privações horríveis e dois terços da humanidade morrem de fome.

A todos, indivíduos e nações, nestas diversas situações e circunstâncias, o VI SB repete a exortação fundamental de Jesus Cristo: "Convertetivos e crede no Evangelho" (Mc 2,15); bem como o insistente apelo do Apóstolo dos Gentios: "Em nome de Cristo, suplicamo-vos: reconciliai-vos com Deus" (2Cor, 5,20).

Diminuem as confissões sacramentais

Nunca talvez como hoje, em batizados, se confidenciam tantas intimidades e se revelam tantos segredos, até mesmo assuntos que, por sua natureza, deveriam ser mais resguardados... ou silenciados de vez. Fala-se de tudo, com todos, com a maior sem-cerimônia.

Mas, paradoxalmente, diminuem as confissões sacramentais individuais que, no entanto, "continuam sendo o único meio ordinário com o qual um fiel, consciente de pecado grave, é reconciliado com Deus e com a Igreja". Visando à própria comodidade e subestimando os efeitos da graça do sacramento e os recursos psicológicos da paz da consciência e de santificação pessoal provenientes da confissão sacramental individual, não poucos cristãos prefeririam até que só houvesse absolvições sacramentais coletivas, sem confissão auricular individual, que é elemento essencial do sacramento da penitência.

O fato — já notório em todo o

mundo católico, inclusive no Brasil — da diminuição das confissões sacramentais individuais foi comentado pelos bispos durante o VI SB, que, em contrapartida, acentuaram o caráter extraordinário da absolvição coletiva, permitida, segundo o novo Código de Direito Canônico (cânones 961-963), apenas “em casos de necessidade grave”; insistiram também na maior preparação dos fiéis para as confissões sacramentais individuais, como meio inclusive de santificação para penitentes e confessores, esperando maior disponibilidade dos sacerdotes para atender os fiéis em confissão sacramental individual, pondo assim em relevo o amor pessoal, a atenção personalizada, concreta e terapêutica de Cristo para cada batizado em particular.

Numa palavra, os padres sinodais mostraram-se preocupados com o fato de estar havendo cada vez mais comunhões sacramentais e cada vez menos confissões sacramentais individuais, tendo o papa João Paulo II, no discurso de encerramento do VI SB, equiparado, em importância pastoral, as palavras “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22,19) àquelas outras: “Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados” (Jo 20,23).

Apóstolo do confessionário

Foi pensando nesta ênfase a ser dada ao ministério da confissão e ao maior atendimento dos fiéis que desejam confessar-se individualmente, que o papa João Paulo II quis canonizar, no dia 16/10/83 — em pleno Ano Santo e Sínodo dos Bispos — um apóstolo moderno do confessionário, o frade capuchinho São Leopoldo Mandic, eslavo de nascimento e paduano por adoção.

Nascido em 1866 na cidade de Castelnuovo, na Dalmácia (Iugoslávia), e morto em Pádua, na Itália, em 1942, São Leopoldo Mandic não pôde ser missionário no Oriente, porque era de fraca saúde e tinha problemas de dicção. Mas fez do confessionário o seu púlpito durante mais de 40 anos, tornando-se apóstolo do sacramento da confissão e do ecumenismo. Viveu seu carisma de confessor e tornou-se exemplo para os sacerdotes — os mi-

nistros da Igreja para dar o perdão de Deus aos pecadores sinceramente arrependidos.

No discurso que proferiu em 17/10/83 a um grupo de fiéis da diocese de Pádua, vindo a Roma para a canonização de São Leopoldo Mandic, contou-lhes o Papa que quando alguém o censurava por causa de sua grande bondade para com os pecadores penitentes, o santo confessor apontava para o Divino Crucificado e dizia: “ELE, não nós, deu Seu Sangue e Sua Vida pelos pecadores”. Em outra oportunidade, o Papa lembrou também aos sacerdotes o grande modelo de confessores e de orientadores de consciências, que foi o santo bispo e fundador dos Padres Redentoristas, o insigne Doutor da Igreja, Santo Afonso Maria de Ligório, declarado Patrono dos Confessores pelo papa Pio XII, durante o Ano Santo de 1950.

Os Sínodos dos Bispos

O Sínodo (em grego, *syn-odos*;

em latim, *synodus* = caminhar junto) dos Bispos foi instituído pelo papa Paulo VI, em 15/9/65, na última sessão do Concílio Vaticano II, como importante órgão consultivo da Igreja, com o objetivo de promover estreita e fecunda colaboração entre o Papa e os bispos do mundo inteiro.

Os seis Sínodos dos bispos realizados até o momento têm-se revelado verdadeiros “laboratórios de comunhão” (Paulo VI) e “instrumentos eficazes, ágeis, oportunos e exatos a serviço da comunhão eclesial” (João Paulo II). Como outros Pentecostes movidos pela ação iluminante e congregante do Espírito Santo de Deus e em união com Maria, Mãe de Jesus, os Sínodos têm sido “manifestação particularmente valiosa da colegialidade episcopal da Igreja” (João Paulo II, discurso, em latim, de encerramento do VI SB, em 29/10/83). Bispo de Roma; Sucessor de Pedro — o Príncipe dos Apóstolos, e sinal visível da unidade da Igreja, o Papa será sempre o Presidente nato de todos os Sínodos dos Bispos. ●

EU? UM MISSIONÁRIO? VOCÊ ESTÁ BRINCANDO!



De fato, vários jovens que se tornam missionários reagem de forma semelhante a essa primeira sugestão.

A decisão de tornar-se missionário, padre ou irmão, vem depois de refletir com cuidado nas oportunidades de servir os outros.

Deixe-nos entrar em contacto com você sem compromisso. Teremos a maior satisfação em dar-lhe informações de como você poderá tornar-se padre ou irmão missionário e servir a Deus numa Congregação missionária.

Escreva para:

**SECRETARIADO
VOCACIONAL
CLARETIANO**

Rua Martim Francisco, 656
01226 - São Paulo, SP

Homem velho e homem novo

José Penalva

*Duas leis batalham dentro do homem:
lei espiritual, de Deus, do
entendimento, e lei do pecado.*

Comecemos lendo Paulo.

“Porque bem sabemos que a lei é espiritual
mas sou carnal,
vendido ao pecado.

Porque o que faço não aprovo
e o que quero
não faço,
o que aborreço
isso eu faço.
E se faço
o que não quero, consinto com
a lei que é boa.

De maneira que agora não sou eu
que faço isto, mas o pecado que habita em mim.
Porque eu sei que em mim,
isto é, em minha carne,
não habita bem algum;
o querer em mim,
mas não consigo realizar bem.

Não faço o bem
que quero,
mas o mal
que não quero.
Ora, se faço o
que não quero,
já não o faço eu, mas o pecado que habita em mim.
Encontro então esta lei em mim,
o bem,
o mal está comigo.

Porque, segundo o homem interior, tenho prazer
na lei de Deus;
mas vejo nos meus membros outra
lei que batalha contra
a lei do meu entendimento,
e me prende sob lei do pecado
que está nos meus membros...
Assim eu mesmo com o entendimento sirvo
à lei de Deus,
mas com a carne,
à lei do pecado”.

Rom. VII, 14-25



Sem dúvida, somos homens divididos.

E Paulo tem, a respeito, uma consciência violentamente sensível. Aliás, isto constitui um dado que já pertence ao legado cultural da humanidade, encontrável nas grandes literaturas, como em Ovídio e Goethe.

Numa tentativa de esclarecimento, aproximaremos do texto lido outras expressões paralelas que encontramos nas chamadas cartas paulinas.

A. Entre outras coisas, na passagem que lemos, Paulo afirma a existência de *duas leis* que batalham dentro de nós:

Lei espiritual, de Deus, do entendimento, e lei do pecado.

Faz também referência ao "*homem interior*" que tem prazer na lei de Deus.

No capítulo VIII Paulo opõe *lei do espírito de vida a lei do pecado e da morte* (2). E no VI, *regime da lei a regime da cólera* (14, 19).

Homem interior é expressão platoniana (República I que Paulo assume e faz contrastar com *homem exterior*: "... ainda que nosso homem

exterior se corrompa, o interior se renova de dia em dia" (II Cor, V.)

B. Ao lado de lei do espírito, Paulo coloca simplesmente *espírito* que opõe a *carne*: "Caminhai sob o influxo do espírito e não seguireis as concupiscências da carne. A carne, de fato, tem desejos que são contra o espírito" (Gal. V. 16,17). "... eu sei que na minha carne não habita bem algum" (Rom. VI, 18). "Sois vós insensatos, que, tendo começado pelo espírito, acabais agora pela carne"? (Gal. III, 3) "... servimos a Deus em espírito... e não confiamos na carne" (Fil. III, 3). "Os que vivem segundo a carne, ocupam-se das coisas da carne" (Rom. VIII, 5). "As obras da carne são manifestas: prostituição, impureza... heresias... Mas o fruto do espírito é: caridade, gozo... temperança" (Gal. V, 19-22). "Os que são de Cristo crucificaram a carne... Se vivemos em espírito, andemos também em espírito" (Ib., 24,25).

• A homem exterior e interior Paulo aproxima *homem velho e homem novo ou jovem*: "... o nosso homem velho foi com ele crucificado para

que o corpo de pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado" (Rom. VI, 6). "... deveis despojar-vos do homem velho que se corrompe pelas concupiscências do engano e vos renoveis no espírito de vosso sentido e vos revistais do novo homem que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade" (Ef. IV, 22-24). "Não mintais uns aos outros, pois já vos despistes do homem velho com seus feitos e vos vestistes do novo... Revesti-vos de entranhas de misericórdia, caridade" (Col. III, 9-12).

Importante notar também o uso da expressão *espinho na carne, mensageiro de satanás*: "... foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de satanás, para me esbofetear, a fim de não me exaltar" (II Cor. XII, 7). Descrevendo as ações do homem velho, diz: "Não deis lugar ao diabo" (Ef. I, 27).

C. O contraste continua com as oposições *culto do Deus verdadeiro e culto dos ídolos* (I Tim. I, 9), *luz e trevas* (I Tim. V, 4,5; Rom. XIII, 12; Ef. V, 8)...

Tentando resumir, encontramos os seguintes termos análogos:

lei espiritual, de Deus, do entendimento	lei do pecado
lei do espírito da vida	lei da morte
regime da lei	regime da cólera
espírito	carne
	espinho na carne
	mensageiro de satanás
homem interior	homem exterior
homem novo ou jovem	homem velho
luz	trevas
culto do verdadeiro Deus	culto dos ídolos.



A conjuntura nacional e a violação dos Direitos Humanos

Documento final do III Encontro Nacional de Direitos Humanos realizado em Vitória - ES, de 24 a 28 de janeiro de 1983.

As violações mais graves decorrentes do sistema sócio-econômico-político, no momento atual.

Nós, participantes do 3º Encontro Nacional Ecumênico de Direitos Humanos, que reúne 87 entidades (Comissões de Direitos Humanos, Comissões Justiça e Paz, Centros de Defesa dos Direitos Humanos e entidades que atuam em áreas específicas de Direitos Humanos) vindas de 18 Estados do Brasil, preocupamos-nos, em primeiro lugar, em levantar as violações mais graves, decorrentes do sistema sócio-econômico-político, no momento atual.



Constatamos que a amplitude e a gravidade dessas violações decorrem do caráter transnacional do regime, que nos é imposto, com a cumplicidade do capital nacional, e se constitui em frontal ofensa à nossa soberania. A intromissão do capital transnacional na economia e na política nacional, atendendo aos próprios interesses de acumulação, contrários aos interesses vitais do povo, gera violações aos mais elementares direitos da pessoa humana.

Dezenas de milhares de vidas desaparecem anualmente pela incrível escalada da mortalidade infantil. A terra se faz cada vez mais monopólio dos poderosos, sustentada pela militarização do campo, que mata ou expulsa os camponeses, que lutam pela sua fonte de subsistência. O índio é vítima de discriminação, somada a uma legislação que ameaça sua subsistência e desestrutura suas formas de convivência. A indústria da seca explora a população nordestina, submetendo-a a degradantes condições de existência e subjugando-a politicamente.

O desemprego, doença crônica do capitalismo, tornou-se profundamente agudo face à recessão provocada pelos interesses transnacionais que dominam o país, mergulhando na miséria e no desespero milhões de trabalhadores e suas famílias.

Morar decentemente se torna privilégio de poucos, pois milhões estão confinados em favelas, alagados, barracos, mocambos, cortiços ou vivem simplesmente ao léu, situações essas que degradam a dignidade humana. As informações produzidas pelo Estado e veiculadas pelos grandes meios de comunicação são utilizadas como instrumento de manipulação e dominação e também para perseguir e caluniar os que defendem os direitos dos pobres.

Os direitos políticos são vilipendiados ao se reforçar, a todo o custo, o voto indireto e os mecanismos que visam a obstruir a participação do povo e a perpetuar aqueles que submergem o País num mar de corrupção. O autoritarismo se transforma em violência quotidiana, que se abate contra o pobre sob as formas de repressão policial, de prisões arbitrárias, de intervenção nos sindicatos, de assassinato de líderes populares, de abandono e massacre nos cárceres e de comercialização do crime.

Face a essa situação dramática, em que o sentimento de justiça está sendo sistematicamente destruído, reafirmamos com a maior veemência nosso propósito de continuar lutando para que todos tenham vida e a tenham em abundância; pela terra para aqueles que nela trabalham como fonte de subsistência para todos; por ações concretas na conquista da terra e pela Campanha Nacional pela Reforma Agrária; pelo direito de todos ao pão de cada dia; pelo direito de todos ao trabalho, sem exploração; pelo morar com dignidade; pelo direito à informação e ao acesso à educação; pelo direito de participar na definição dos destinos políticos da Nação e principalmente nas eleições diretas em todos os níveis.

Reivindicamos segurança para as pessoas e famílias frente à violência do aparato policial-militar e ao descalço das Instituições, que têm a incumbência de defender os humildes. Certos de que a raiz principal das violações dos direitos humanos é a estrutura sócio-econômico-política que nos domina, conclamamos a todos a se unirem num projeto a partir do povo que supere a atual conjuntura e nos introduza numa sociedade nova, onde todos sejam reconhecidos como gente, iguais em direitos, conscientes de seus deveres e sujeitos de uma história, que é de todos. Na gestação deste mundo novo estão empenhados os esforços de nossos Centros e Comissões de Direitos Humanos.

Conclamamos a todos a vencerem cada vez mais a tentação do imediatismo e a fazer, de cada luta, por menor que seja, uma semente desta nova sociedade, democrática, que há de nascer da solidariedade e da luta dos pobres do nosso País e de todo o continente latino-americano. ●

4

DIREITOS HUMANOS

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, servem de subsídio para os que desejam estudar e discutir sobre os Direitos Humanos.

ARTIGO IV. Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

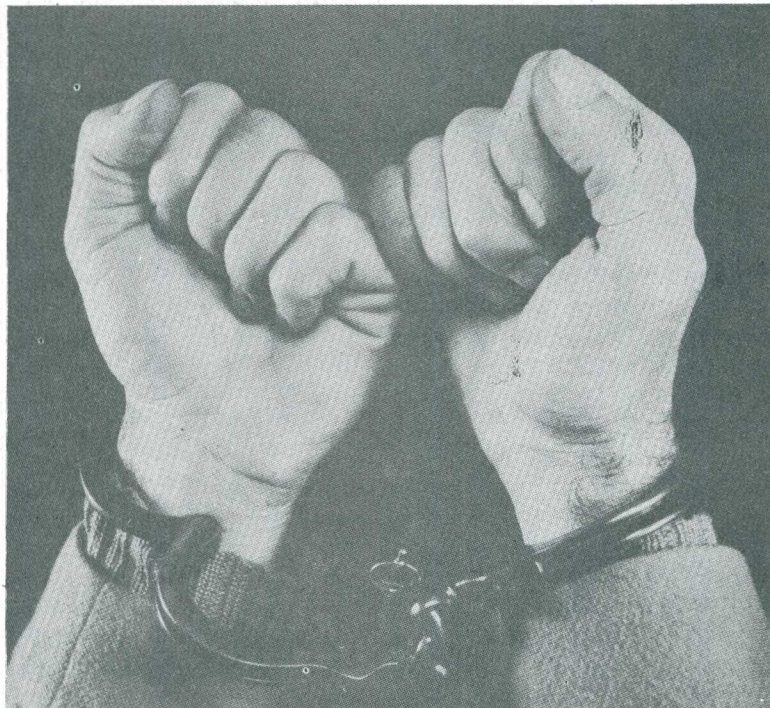
O Senhor enviou-me a proclamar libertação aos cativos, e a pôr em liberdade os algemados (Is 61,1).

Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais de novo a jugo de escravidão (Gal 5,1).

A reconciliação do homem em Jesus Cristo torna claro que a pobreza escravizadora em um mundo de abundância é uma grave violação da ordem de Deus; a identificação de Jesus Cristo com o necessitado e com os oprimidos e a prioridade da justiça nas Escrituras proclamam que a causa dos pobres do mundo é a causa dos seus discípulos (*Credo Social da Igreja Metodista*, 1971).

Entre tantas misérias, devemos vivamente deplorar a escravidão, à qual, há muitos séculos, está sujeita uma parte considerável da família humana, esmagada na mais sórdida abjeção, contrariamente a tudo o que Deus e a natureza desde o início estabeleceram e instituíram. O Autor supremo do universo conferiu ao homem, como rei da criação, o domínio sobre os seres animados e inanimados. De modo algum, porém, o autorizou a exercer qualquer dominação sobre seus semelhantes... Deus permita que os que detêm a autoridade e poder, os que desejam salvar o direito das gentes e da humanidade... se empenhem, com o maior ardor, em reprimir, impedir e abolir o tráfico de escravos e a sua infame e inimaginável ignomínia (*Leão XIII, In Plurimis. Carta aos Veneráveis Irmãos, os Bispos do Brasil*, 5 de maio de 1888).

Is 58,6; Lc 4,18; Fm 16.



Conheça o segredo de uma felicidade muito humana, comece a compartilhar e a conviver.

A vida: arte de conviver, partilhando!

Dom Luciano Mendes de Almeida

Depoimento de dom Luciano Mendes de Almeida — Secretário-Geral da CNBB — sobre a VIDA.

Vida, hoje, para nós, significa a vida que os homens estão procurando viver. Não se trata de buscar uma definição da vida, nem de tecer elogios à vida, nem de provar o ódio, que é melhor viver do que morrer. Trata-se, simplesmente, de assegurar ao homem — por que não dizer a nosso irmão? — condições concretas de sobrevivência e desenvolvimento pleno de sua personalidade. Não basta ao homem comer nem ter onde dormir, nem obter através da educação e do aprendizado uma profissão. Trata-se, também, de dar condições ao homem de exercer a sua liberdade de construir um mundo de justiça e de discernir para além das aparências a presença do próprio Deus que dá sentido — e unicamente Ele o dá — à vida humana.

No entanto, se nós procurássemos dentro de tudo aquilo que faz parte da vida humana, do homem concreto, que caminha pela rua, que se encontra muitas vezes desesperançado, mas que ainda tem o direito de sonhar, de acreditar em algo que vale a pena viver; se nós tivéssemos que responder assim, depressa, quais os elementos que lhe parecem constituir a vida, no que ela tem de mais humano, no que ela tem de mais digno de ser vivido, responderia, primeiro: viver é conviver. Segundo: *viver é partilhar.*

Viver é conviver. Uma vida isolada, não só ela se fecha sobre si mes-

ma em sua pequenez, no seu mistério, na sua solidão, mas ela deixa de ser uma vida útil para os outros. Quem convive não usufrui do outro, mas oferece seu próprio ser: tudo aquilo que possui para que o seja e seja mais. Conviver, viver ao lado do outro, junto com o outro e em profunda comunhão de ideais, de valores, de temores, de esperanças. O mundo de hoje peca por egoísmo e, por isso, peca por solidão e, conseqüentemente, peca por raquitismo em todos os níveis da pessoa humana. Vida que se estiola, que fenece, que acaba cedo porque não soube descobrir o outro, porque não soube descobrir a fórmula da felicidade: *conviver.*

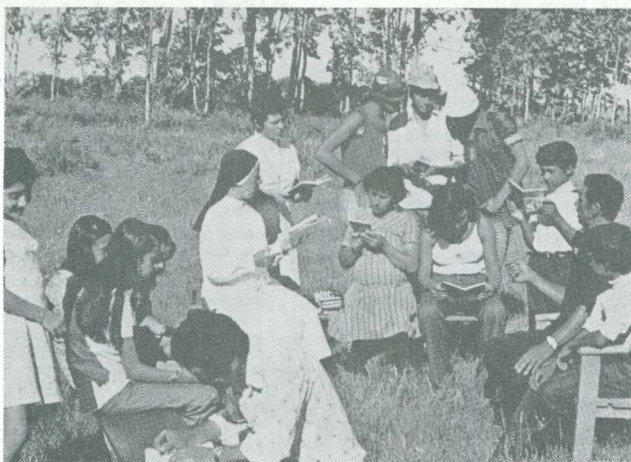
Que outro sentido tem descobrir a Deus, a própria vida, se não é descobrir aquele com o qual sempre devemos e podemos conviver? Em relação a Deus, não há distância que gere solidão. Ele é simplesmente aquele que plenifica totalmente o nosso anseio, a nossa expectativa, o nosso desejo imenso de presença. Deus é aquele que se faz presente em nosso ser. Quem descobre Deus no íntimo de sua consciência, aprende a conviver com aquele que nunca frustra o anseio da presença. E é Ele, também, que nos ensina a descobrir todas as formas e níveis de presença. Ele é o grande mestre da convivência.

Em segundo lugar, viver é partilhar. Não podemos pensar convivência sem partilha. Porque, o que faz da convivência um valor profundamente humano é a comunicação do

amor. E a comunicação do amor se traduz na partilha de todas as oportunidades que a vida nos traz de realização. Que deixa de ser realização pessoal para ser oferta de realização para o outro, para nosso irmão. A partilha é a expressão mais verdadeira da alegria de conviver. É a prova de que a convivência nada tem de usufruto da pessoa alheia nem de busca de compensações para quem assim se posiciona ao lado de seu irmão. A partilha, enquanto inclui a oferta, o dom de si, a distribuição de bens, e mais do que isso, o possuir em comum.

Partilhar não é dar um pedaço para cada um para ter a alegria misteriosa no íntimo da consciência de quem pensa que por isso é bom. Partilhar é mais do que isso. É ficar dentro do pedaço que a gente dá para o outro. É, com o outro, usufruir em comum de tudo o que é bom na vida; não só agüentar juntos tudo o que é duro na vida. A partilha é a expressão concreta da convivência. Mais do que isso, é a própria convivência em cada momento da vida, feita de uma espécie de co-propriedade de tudo que é benefício da existência. Não basta que nós tenhamos os bens e não basta que nós demos estes bens para os outros. É preciso que nós possamos, vivendo juntos e partilhando estes bens, experimentarmos juntos a alegria de tê-los e a alegria de ser pessoas capazes de estar sempre abertas em comunhão com seu irmão.

Portanto, o que é a vida? A vida é a arte de conviver, partilhando. A vida é a partilha da própria convivência. Se nós fizermos assim, descobriremos de novo por que Deus nos criou: para que nós pudéssemos partilhar de sua convivência. Quem quiser, nesta busca da felicidade, encontrar o segredo, o segredo ao alcance da mão, de uma felicidade muito humana, mas que não termina nunca, comece, então, a compartilhar e a conviver. E isso se aprende com o próprio Deus. ●



IGREJA E TRANSFORMAÇÃO (II)

Frei Leonardo Boff

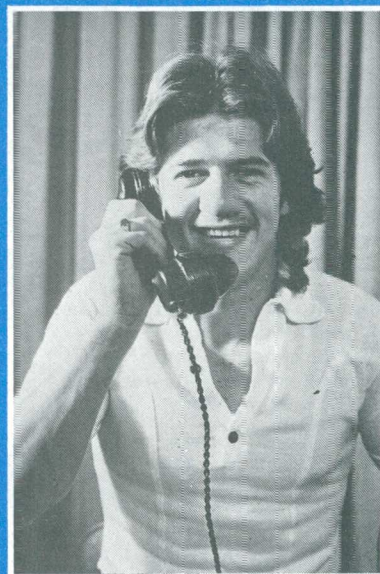
É preciso evangelizar o povo brasileiro no processo de transformação.

No Brasil as Comunidades Eclesiais de Base estão se desdobrando num terceiro estágio, que é a luta pelos direitos dos povos que são permanentemente violados. Surge a partir disso uma Igreja da base que redefine todos os papéis eclesiais e permite ao leigo uma participação muito mais profunda. Ele se torna um criador de Igreja. Nós estamos numa fase de transformação, de transição. De uma Igreja coligada com o grupo hegemônico a uma Igreja mais e mais ligada com o bloco histórico interessado em se libertar, em ganhar mais força social. É preciso então evangelizar o povo brasileiro no processo de transformação. Isto a partir da fé em Jesus Cristo, no homem e na Igreja.

Numa crescente participação e comunhão se constrói uma sociedade nova, que já antecipa aqui a realização do Reino de Deus. No texto da CNBB "Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil", fica claro na consciência episcopal esta virada da Igreja. Não se fala só em transformação, mas do tipo de transformação. Quem é o sujeito desta transformação? São as camadas populares. E quem vai fazer esta transformação não é a Igreja, é o próprio povo, na medida em que ele se organiza, se conscientiza. A Igreja na base, com seus movimentos, vai se articular, e de fato faz isto, com os outros grupos de base, com os sindicatos, com as associações de bairro, com grupos de direitos humanos, com outros que estão na base, movimentando numa linha de transformação.

Quando falamos em pastoral, devemos ver que tipo de pastoral queremos. Queremos pastoral que, a partir da fé, e nós não renunciamos a isto, a partir de nossa fé bíblica, da mensagem de Jesus no Evangelho, reforça a caminhada do povo que é religioso e é pobre, buscando a libertação integral, não só a libertação ultra-histórica. Os meios que buscam esta libertação estão na participação na política, na sociedade, na educação, na comunhão entre as pessoas, num mundo de valores que enriquece a pessoa. Pois estes valores configuram na história os bens do Reino de Deus, que não vêm só no fim do mundo, mas já começam aqui. É importante ver uma linha de pastoral que coloque o povo empobrecido como sujeito de sua libertação. E a Igreja incorpora com sua fé, caminha junto, tem uma função pedagógica enorme de extrojetar o opressor que cada um tem dentro de si. Quando se fizer isto, não apenas se cria um bom cristão, mas também um cidadão mais fraterno, mais solidário (CIC).

**SIM VOU SER...
PADRE DE SION**



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

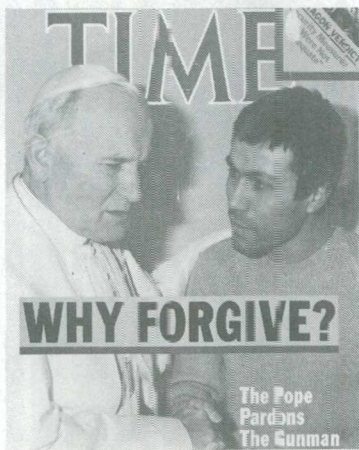
Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

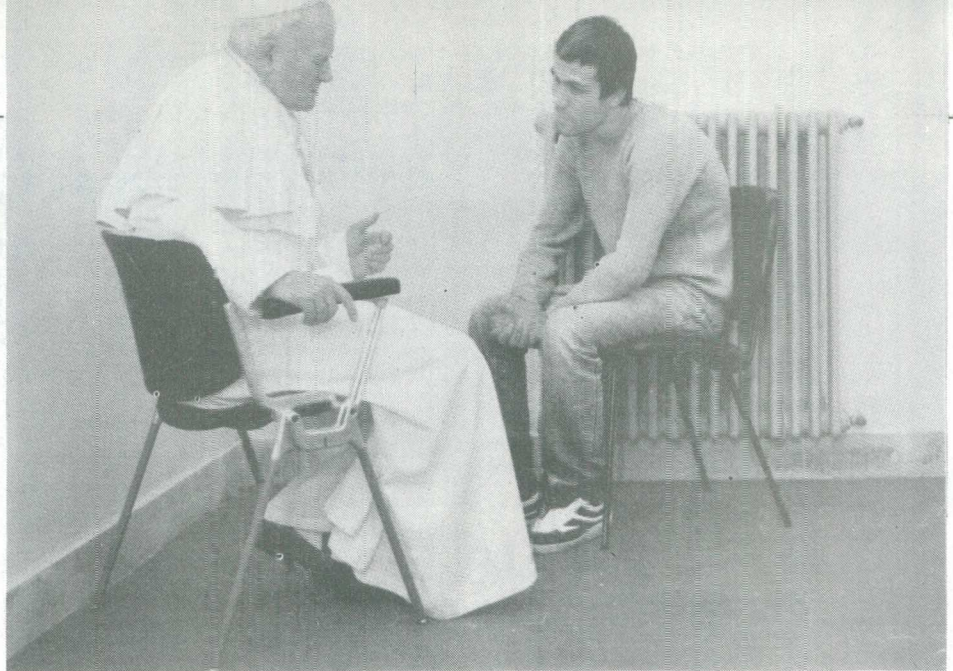
PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

*Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 44
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP*



"POR QUE PERDOAR?" — Na capa da revista TIME, conhecida no mundo todo, o gesto e o exemplo do perdão como caminho para uma vida nova entre os homens.



João Paulo II e Ali Agca, face a face na cela da prisão de Rebibbia. Um curto diálogo mas de profundo espírito de fraternidade e de perdão, exemplo vivo para um mundo conturbado e violento.

"Por que perdoar?"

Para que a humanidade se renove e as pessoas tenham mais diálogo, concórdia e paz, o perdão tem que ser vivido concretamente.

Quem não se lembra do comovido encontro de João Paulo II com o seu atirador, o terrorista Mehmet Ali Agca? As imagens emocionantes da TV nos mostraram desde a cela de Ali Agca na prisão de Rebibbia em 27 de dezembro um gesto magnânimo de perdão.

Quando o Papa entrou na cela de Ali Agca, imediatamente o preso se dirigiu a João Paulo II e, segundo Tommaso Pinini D'Oliva, que filmou a cena, as primeiras palavras foram estas: "Como está você? Você está bem?", perguntou o chefe da Igreja. "Obrigado", respondeu o terrorista. "Antes de mais nada, quero pedir-lhe perdão..."

Mehmet Ali Agca tentou matar o Papa em 13 de maio de 1981. Graças a Deus João Paulo II sobreviveu. E, logo depois da grave cirurgia que sofreu disse: "Perdão o nosso irmão que me feriu".

Mais do que as palavras, as cenas do encontro na cela de Ali dizem muito. É o perdão cristão vivenciado pelo próprio Papa.

No Ano Santo da Redenção, e sobretudo neste tempo da quaresma, a grande proposta cristã é a reconciliação entre os irmãos, a fim de que possa haver reconciliação do homem com Deus.

A mão de João Paulo II, ainda com a cicatriz, apertando a mão que acionou o gatilho para matar, é um

gesto que transmite mais fortemente que milhares de palavras. O Papa não podia dar maior exemplo ao mundo, na busca da verdadeira paz, do que levar pessoalmente o perdão àquele irmão que tentou matá-lo.

A verdadeira conversão é um caminho que nos leva a uma verdadeira páscoa. A uma vida realmente nova. É esta conversão profunda, de dentro do coração, que o Evangelho pede.

Na mensagem para o dia Mundial da Paz, João Paulo II disse: "A violência provém em definitivo do pecado do homem, da cegueira do seu espírito ou da desordem de seu coração".

Ordenar e orientar, portanto, o próprio coração para a fraternidade e para a paz. E, esta, construí-la a partir dos critérios de justiça, de liberdade, de amor e de respeito à dignidade humana.

A conversão é a atitude básica. Fé na alternativa de uma nova vida proposta por Jesus Cristo; consciência da necessidade de um novo rumo e esforço para permanecer nesse novo caminho. Com isto a reconciliação, o perdão e o diálogo virão com naturalidade e alegria.

Por que perdoar?

Porque nos tornamos mais humanos, mais adultos, mais próximos do semelhante, que é criada imagem e semelhança de Deus. Mais próximos de suas vidas. Mais próximos de Deus.

COMPREENSÃO

(Extraído do livro *Crescimento e ajuda*, de Mauro Martins Amatzuzi).



Quem que compreende, vai ao sentido profundo da comunicação, sem tentar desvendar segredos.

Quando uma pessoa vem falar com você sobre coisas muito pessoais porque precisa de ajuda, se você for uma pessoa muito perspicaz, depois de algum tempo de conversa, você terá uma visão do que é aquela pessoa. A conversa é como uma amostra do comportamento da pessoa, e pode ser analisada como uma radiografia da personalidade dela. Compreender alguém, entretanto, não significa fazer a análise dessa radiografia, nem mostrar à pessoa o que ela realmente é por trás de toda aparência. Não significa desmascarar nem revelar à pessoa o fundo de si mesma como algo surpreendente

do qual ela não suspeitava. Fazer isto seria mais surpreender do que compreender. Sim, porque aquilo que a pessoa se esforça por comunicar, naquele momento, não é nada disso.

Compreender é uma espécie de apreender com. Apreender com ela. Perceber aquilo mesmo que ela tenta expressar. Como se fosse ela. Do ponto de vista da pessoa. Tanto quanto possível dentro do mesmo referencial. É como se vo-

cê se colocasse no lugar da pessoa, sem estar de fato para ajudar a perceber como as coisas se passam para ela. Naquele momento.

Eu disse perceber aquilo mesmo que a pessoa "tenta" expressar. Gostaria de comentar esse "tenta".

Primeiro comentário. A gente tenta pôr em palavras aquilo que pretendemos dizer. Acontece que as palavras têm uma significação e uma conotação também. Quer dizer, podemos dizer simplesmente, mas podemos também sugerir, dar a entender, fazer rodeios, usar exemplos, contar casos ou provérbios, falar de terceiros em vez de

falar da gente, tudo isso como meios diferentes para contar realmente o que queremos. A boa compreensão responde aquilo que a pessoa quer dizer, qualquer que seja o meio, sem se deter no modo como diz, ou na roupagem. Note bem para aquilo que a pessoa quer dizer. Não para aquilo que quer esconder. Aquele que compreende, vai ao sentido profundo da comunicação, através dos meios diversos que a pessoa usa, mas sem tentar desvendar segredos. Pois o segredo não é o que a pessoa quer, nesse momento ainda, comunicar.

Mas, além disso, não nos comunicamos somente por palavras. Também por gestos, pela mímica, pela postura, pelo tom de voz, até pela maneira de vestir. Por todos esses meios tentamos nos comunicar. As palavras puras nem sempre contêm tudo que queremos dizer. É claro que as palavras e seu tom são os meios mais importantes, mas elas estão dentro de um contexto que é a pessoa toda como se apresenta aqui e agora. O importante é, dentro desse conjunto todo, captar o que pretende ser comunicado, o mais exatamente possível, e não o que pretende ser escondido. Se a sua postura for realmente compreensiva, você nem estará atento aos segredos e comuflagens. Aliás, não dá tempo.

Segundo comentário. Toda comunicação é na realidade uma *tentativa*. Não temos certeza de que seremos compreendidos. Não temos certeza de que as mensagens que queremos transmitir cheguem do lado de lá do jeito que saíram daqui. Mas tentamos. Na medida em que sentimos que estamos sendo compreendidos, então continuamos. Uma coisa vem atrás da outra, e nos comunicamos cada vez mais extensa e profundamente. Se você for capaz de compreender, então você desencadeia o fluxo da comunicação que é por si só esclarecedor. E o esclarecimento que vem da própria pessoa é melhor, porque só ela pode saber comple-

tamente o que se passa com ela. Agora, se você não manifesta compreensão, mas julga, ou surpreende, você pode fazer a pessoa interromper o fluxo da comunicação. A não ser que por outras vias a compreensão esteja estabelecida.

Eu diria: qualquer coisa é válida, no diálogo, desde que não ameace a atitude compreensiva. Porque é essa que garante o fluxo da comunicação. Se você ralar com uma pessoa, por exemplo, mas a ralhação não abalar os laços de compreensão que existem entre vocês, então a ralhação pode ser útil, quem sabe. Garantidas as bases de uma boa comunicação, tudo mais pode acontecer.

Terceiro comentário. Acontece muitas vezes que a pessoa não consegue saber exatamente o que se passa com ela. Por que é tão tímida, por que esses comportamentos estranhos, que sentimentos são esses, por que é tão indecisa, por que não consegue algumas coisas que a maioria das pessoas consegue, o que é esse medo que não tem porque, o que é esse desânimo e esse tédio, por que agride tanto, por que não consegue firmar amizades ou manifestar amor, por que essa doença, por que essa sensação de infelicidade, etc.? Enfim, o que se passa?

Mas por que a pessoa não vai ao fundo do problema? Porque não sabe como, porque não vê claro, não se explorou ainda, mas também porque tem medo. Medo de assumir o viver humano. Mas tudo isso está muito confuso, camuflado, desviado. Quem nunca passou por isso? Quem nunca se enganou? Quem nunca disfarçou para si mesmo? Quem nunca sentiu medo de se ver francamente?

A gente "tenta" se comunicar. Significa que aquilo que no fundo queremos dizer, aquilo que é a intenção mais profunda, nem nós mesmos percebemos com clareza, muitas vezes. Estamos confusos. Não nos vemos bem. E, no entanto, se procuramos alguém é porque queremos ajuda para tirar de

dentro de nós as raízes de nossos problemas e inquietações. Para esclarecer.

Compreender, nesse momento, seria captar essa intenção profunda que se esforça para vir à luz.

Se você compreende apenas, a pessoa se sente acolhida. Facilita-se o fluxo da comunicação. O medo vai cedendo e ela se comunica cada vez mais consigo mesma. Pouco a pouco se aproxima dos dilemas cruciais que, então, vê mais claramente. Mas se você vai além da compreensão, tentando explicitar o que está realmente contido, mas que não é intenção da comunicação, nesse caso em que justamente o problema da pessoa é sentir-se ameaçada com uma comunicação aberta consigo mesma, que risco você estará correndo? Risco de aumentar a dificuldade da pessoa. Se a ameaça que ela sente é maior do que pode suportar, então ela se fecha. Interrompe o fluxo da comunicação. Passa para assuntos irrelevantes. Pode até abandonar o contato com você.

Percepções mais agudas de nossa própria realidade exigem mudanças no nosso autoconceito, ou mudanças nos valores com os quais nos identificamos. Quer dizer, você terá que reconhecer que não é aquela pessoa que pensava que fosse. E que a tranquilidade da situação adquirida é uma ilusão, não existe mais. Que você terá que se defrontar com novas situações, aceitar muitas coisas, como naquelas etapas do desenvolvimento, ou como naquelas veredas de mato adentro, de que falávamos. Ou, em outras palavras mais simples: viver de olhos abertos, às vezes dá medo mesmo.

É preciso que o próprio medo que a pessoa tem seja aceito por você. Sem o que, ela não conseguirá olhar de frente o seu medo. Mas dará desculpas e fugirá. Mas se for compreendida em seu medo, provavelmente o enfrentará.

Muitas vezes compreender significa estar à altura. ●

Vida, morte e ressurreição do trabalhador: "Coragem, eu venci o mundo!".

Ana Valim

“É preciso fazer que a vitória de Cristo sobre a morte se torne realidade concreta na história de hoje. Os espaços políticos de luta e fraternidade vagarosamente conquistados, que vêm forçando uma abertura política, a consciência de um povo que aos poucos vai se tornando protagonista do próprio desenvolvimento, são alguns sinais promissores de mudança” (CNBB - texto base CF/84).

A via-sacra do Cristo repete-se na história dos homens... Envergados pelo peso da cruz do baixo salário e da inflação desenfreada, os mais fracos e oprimidos vão de cara na miséria.

Os poderosos continuam a chicotear, sem dó, os condenados, jogando em seus ombros a responsabilidade de tirarem os frutos da terra (sem a devida recompensa), de produzirem em grande escala, louca escala, para assim tornarem os ricos cada vez mais ricos.

E o que é pior: não têm o direito de contestar — “Eu também sou filho de Deus, ora!”, pois, logo vem uma bofetada de censura e repressão que esfacela a face sofrida e lavada de suor.

Se não bastasse tudo isso, os condenados, simples homens e mulheres trabalhadores, são coroados de espinhos... espinhos de pobreza, de fra-

ses doloridas, tipo “mãe, tô cum fome”, quando não há nada ou pouco a se oferecer, espinhos de construir e não partilhar da construção, espinhos de sentir-se morrer, sem alento.

“Pai, se for possível, afasta de mim este cálice”.

E os condenados chegam à morte, e à morte de cruz, crucificados na cruz da sobrevivência.

Depois de três dias, o Cristo Jesus ressuscita...

Senhor, quando os oprimidos serão libertos da opressão e da injustiça do nosso tempo?

*O trabalhador é
condenado ao
desemprego*

De acordo com Waldemar Rossi, membro da Pastoral Operária de São

Paulo e membro da Oposição Metalúrgica, em entrevista especial para a AVE MARIA, a crise que hoje existe no Brasil é decorrência de uma opção do próprio governo. Como disse Rossi, a crise brasileira não é provocada pela crise do capitalismo mundial, como nos países desenvolvidos, ou pela queda de produção. Isto porque num país como o nosso, isso é impossível. Na verdade, o que vem acontecendo no Brasil é uma superexploração que tem como objetivo aumentar a recessão para aumentar a exportação: e quem acaba pagando por isso são os trabalhadores brasileiros. Como afirmou Waldemar Rossi, o trabalhador diante dessa situação se sente num poço sem fundo.

“A situação do trabalhador é dramática” — assegura Rossi: segundo estimativas do Ibase (Instituto Brasileiro de Análise Sócio-Econômica) cerca de 50% da população economicamente ativa (PEA) no Brasil está atualmente sub-remunerada, sub-empregada ou desempregada; são em torno de 40 milhões de trabalhadores. Os trabalhadores sub-remunerados ganham menos do que o salário mínimo: e, como se sabe, o salário mínimo vigente atende apenas a 1/5 das necessidades básicas de uma família padrão (casal e dois filhos em idade escolar). Por outro lado, 84% dos que estão empregados ganham abaixo de três salários mínimos. Quanto aos desempregados, de acordo com estimativas mais sérias que não as do governo, o número ultrapassa 10 milhões.

Diante disso, segundo Rossi, 25 milhões de trabalhadores ou não recebem nada, ou ganham no máximo um salário mínimo, o que significa, na realidade, que são 85 milhões de brasileiros que enfrentam essa barra — os trabalhadores e seus dependentes.

Demissão na Arno: uma entre outras cruzes

Com toda essa onda de desemprego gerado pela crise, entre aspas, segundo Waldemar Rossi, as empresas encontram justificativas para demitir em massa, cobrando dos que ficam maior produção. Como denuncia o boletim informativo da Oposição Metalúrgica, "A Arno está fatuando horrores, através das constantes demissões que criaram um grande medo na turma e está se utilizando do fantasma do desemprego para submeter os trabalhadores a condições de trabalho desumanas". No dia 30 de janeiro, como informa o boletim da Oposição Metalúrgica, na fábrica 1 da Mooca, um dos chefes exigiu e ameaçou os companheiros das prensas para que dobrassem a produção, exigindo 3.000 peças, quando é impossível se produzir mais do que 2.000 peças por dia. Com isso, duas horas depois, uma das funcionárias perdeu dois dedos na tentativa de fazer a sua prensa produzir o que estava sendo exigido.

Mas não é só a Arno não! De acordo com Rossi, a Itaotec resolveu exigir turmas de 12 horas diárias ou seja: um acréscimo de quatro horas por dia, o que representa novas demissões, aumento da rotatividade com achatamento salarial (manda-se embora um trabalhador com maior salário e se admitem outros com salários inferiores).

Desemprego e insegurança: o trabalhador cai por terra

À medida que aumenta o desemprego, aumenta a insegurança. Como assegurou Waldemar Rossi, o trabalhador empregado vive em dupla tensão: o medo de perder o emprego e o medo de enfrentar a exploração. Tudo isso enfraquece o movimento operário.

Por outro lado, de acordo com Rossi, o achatamento salarial impos-



ANA VALIM



to pelos decretos-leis — os famosos pacotes — e a rotatividade levam a uma diminuição do dinheiro disponível na mão do trabalhador. Sem dinheiro e com o aumento constante do custo de vida, o trabalhador se vê obrigado a buscar outras formas de ganhar o pão: submeter-se, às vezes, até a pedir para fazer horas extras: jogar os filhos menores, em idade escolar, para trabalharem; arrumar "bicos" nos fins de semana. Com isso, aumenta a competição entre os trabalhadores.

Mas, há o que não conseguimos, apesar dos esforços, resolver os pro-

blemas do sustento da família e entram em desespero, vendo a deterioração de sua família tanto do ponto de vista de saúde (segundo a Associação dos Pediatras de São Paulo, a taxa de mortalidade infantil está em torno de 140 óbitos em cada 1.000 crianças nascidas vivas, antes da idade de um ano); ou do ponto de vista do desajuste familiar — provocado pelos atritos naturais entre os pais e as necessidades não atendidas dos filhos. É comum hoje as manchetes dos jornais darem destaque para os suicídios gerados pelo desespero e conseqüente desequilíbrio mental entre

**No movimento popular:
o despertar da consciência.**

**Na luta está a esperança
da vida.**

os trabalhadores menos favorecidos. Como denunciou Waldemar Rossi, um número considerado de trabalhadores se jogam na bebida e, sobretudo, os jovens buscam entorpecentes e drogas, como uma válvula de escape para suas frustrações, que contribuem para o aumento da criminalidade.

Desesperança: a morte da vida

Tendo em vista tantas cruces, tantas quedas, tanto esmorecimento na

'via crucis' do trabalhador, as expectativas começam a sucumbir e vem na boca um gosto amargo de desesperança. Segundo afirmou Waldemar Rossi, o movimento sindical — que deveria ser um instrumento de organização de luta e defesa dos trabalhadores — em sua imensa maioria está controlado pelo peleguismo, sindicalistas afinados com as propostas políticas do governo e dos patrões, "infelizmente fortalecidos por grupos políticos que se uniram aos pelegos com objetivos nem sempre reveláveis". Assim sendo, o trabalhador se vê sem argumento ou orientação para enfrentar a situação e se sente frustrado por constatar que o movimento sindical não responde às suas necessidades. Com isso, assegurou Rossi, o trabalhador vai sendo destruído no sentido mais amplo possível: de vida física — perde a saúde, é mutilado e chega mesmo até à morte, conseqüência do desespero; também existe a morte psíquica, gerada pelo desequilíbrio emocional: "é a morte provocada pela desesperança".

"Todo o homem, nesta situação injusta, está sendo destruído pela política econômica selvagem assassina pela qual o governo brasileiro optou" — acrescentou Rossi.

Sinais de ressurreição: "Coragem, eu venci o mundo!"

Não há apenas sinais de morte, assegurou Waldemar Rossi, pois o trabalhador já está sentindo o risco de genocídio e tenta já resistir com suas próprias forças. A CUT (Central Única dos Trabalhadores) é um fato concreto. É grande o número de trabalhadores nas indústrias que ampliam sua organização e, mesmo à revelia das diretorias sindicais pelegas, entram em greve, reivindicam reajustes de salário e garantia de emprego, os desempregados vão, aos poucos, criando seus comitês de luta contra o desemprego. Muitos buscam se reunir para encontrarem formas alternativas de subsistência: compras e hortas comunitárias, pequenas cooperativas de artesanato mas, sobretudo, dentro do movimento popular já existe um despertar da consciência

do povo. Essa consciência se manifesta nas várias formas de organização que propõem uma luta de resistência para se chegar até mesmo a uma confrontação, a fim de se exigir mudanças fundamentais na economia e na política brasileira.

Por outro lado, segundo Waldemar Rossi, os sinais de ressurreição também aparecem no movimento trabalhador rural. Os sindicatos rurais mais combativos vêm ganhando espaços consideráveis e, sobretudo, os posseiros aumentam o seu nível de organização na defesa de seus direitos.

A nível de Igreja, de acordo com Rossi, em milhares de comunidades, o grau de consciência aumenta constantemente e as diretrizes gerais da Igreja no Brasil insistem numa caminhada mais vigorosa no sentido de conscientizar os trabalhadores. Esta caminhada, ressalta Waldemar Rossi, lembra aquela da libertação do povo de Deus no Egito. Aliás, "a Páscoa tem sido um dos pontos centrais da reflexão da Igreja no Brasil. Não existe uma verdadeira evangelização que não seja baseada no conhecimento dos problemas reais do povo e que inspire a busca de saídas para valer".

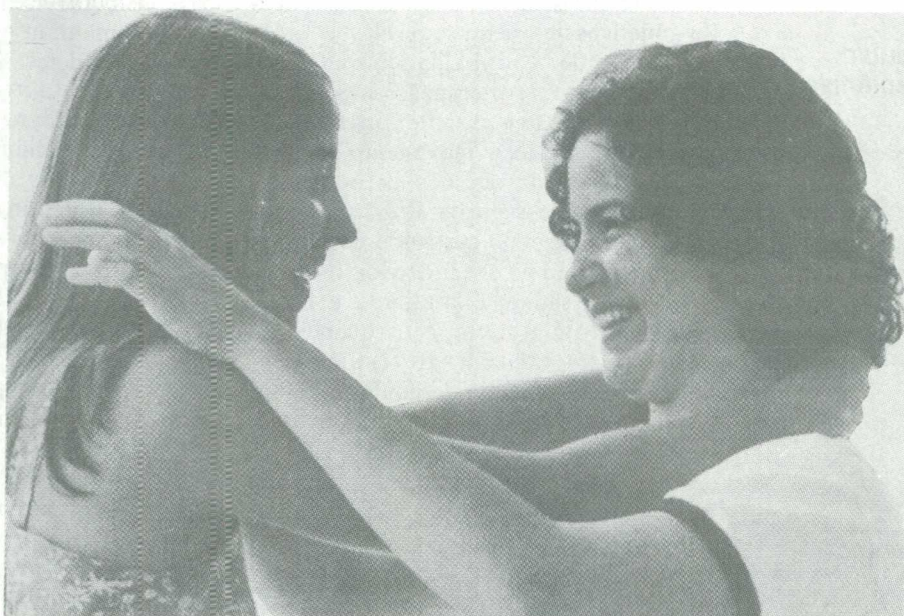
Segundo Rossi, o trabalhador vê Igreja e Igreja: por um lado, seja na pessoa dos bispos, dos padres, Igreja é apoio, é espaço para que possa desenvolver seu potencial de luta em defesa de seus direitos; de outro lado — parte considerável da Igreja está comprometida com uma religiosidade de verniz ou até mesmo com o próprio sistema que oprime, dificultando e barrando mesmo a organização dos trabalhadores.

Rossi disse ainda que o trabalhador está percebendo, de maneira geral, que a Igreja da opção preferencial pelos pobres cresce mais do que a Igreja do individualismo. Como afirmou Rossi, "a Igreja deve intensificar os movimentos e esclarecer os cristãos para uma maior participação, deve ainda denunciar os crimes cometidos a cada dia, assim como criar possibilidades de agrupamentos em torno de objetivos comuns. É preciso que as CEBs sejam um espaço para reflexão e aprofundamento do compromisso com o processo de libertação, sem objetivos meramente imediatistas. A luta pelas eleições diretas já seria um bom passo", sugeriu Rossi.

O BOI E A BOIADA

Pe. Isidoro De Nadai

Para encontrar a Deus no perdão, é preciso decididamente partir para o perdão.



Há um precioso e conhecido princípio que nos ajuda a entender e a nos movimentar por entre a problemática do que significa e do que não significa necessariamente perdoar. Ele reza assim: É preciso odiar o pecado e amar o pecador.

Esse princípio demonstra primeiramente que o perdão, longe de nos impedir, nos leva a lutar bravamente contra o mal e as injustiças, mesmo que para isso tenhamos que nos opor com energia àquele que os encarna. Demonstra igualmente, porém, que, mesmo no calor da refrega, não nos podemos ceixar possuir pelo ódio à pessoa que erra.

Isso quer dizer que não podemos transpor os limites estreitos da interdição do mal. E quer dizer mais ainda que, cessado o mal, devemos procurar esquecê-lo, como devemos também perdoar o que errou, até porque não terá sido contra ele, e sim contra o mal que pratica, que dirigimos a nossa ira.

Por aí se percebe que, se não fizermos todo o possível para esquecer a ofensa, se guardarmos rancor, se desejarmos vingança, se acusarmos injustamente o que nos ofendeu, evidentemente não perdaremos.

Neste contexto, desponta a expressão popular, tão citada e tão vivida nessas nossas Minas Gerais, garantindo que se deve dar um boi para não entrar na briga e que se deve dar uma boiada para dela não sair.

Ora, esta expressão pode ser muito pitoresca e retratar nosso comportamento, mas, definitivamente, não

vale como princípio moral. Ela é falha por mais de um capítulo.

Em primeiro lugar, há ocasiões em que não só não devemos dar um boi para não entrar na "briga", senão que devemos dar a boiada inteira para nela entrar. De fato, seria falsa prudência, para não dizer covardia, deixar de comprar a briga em favor do bem e da justiça e contra a truculência do malvado.

Em segundo lugar, a expressão é no mínimo perigosa quando afirma que se deve dar uma boiada para não sair da briga, pois só é lícito permanecer na briga enquanto o mal é atuante. Desde o momento em que o mal cessa, cessa também o motivo da luta. Daí por diante, é preciso dar tudo para que os espíritos se desarmem.

Pode ser muito difícil para determinados temperamentos o esquecimento da mágoa, mas é preciso que se caminhe decididamente no sentido do esquecimento.

Perdoar não é uma questão de temperamento. É uma questão da graça e da vontade. Não somos santos porque esquecemos depressa a ofensa. Mas somos santos na medida em que lutamos seriamente para esquecê-la o mais depressa possível.

Para encontrar a Deus, no perdão, não é necessário que se tenha chegado ao final da caminhada do perdão, mas é preciso que se ponha decididamente no caminho do mesmo. Desde que se partiu para o perdão, Deus já se deixou encontrar. Ele está no início e não no fim da caminhada.

O LIVRO ESCOLAR: O MUNDO IRREAL QUE APRESENTA

Sílvia Cintra Franco (Plana)

Pais e professores examinem os livros escolares e alertem os educandos para as falhas ali existentes.

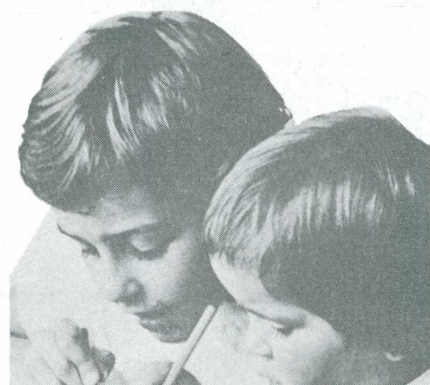
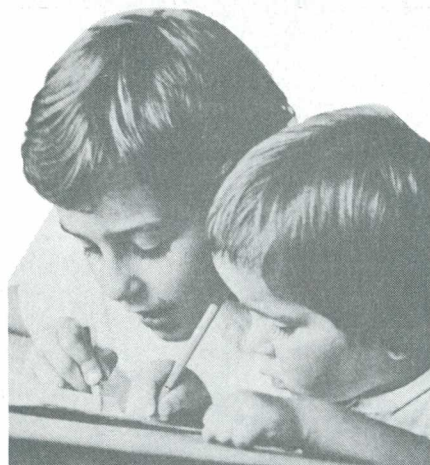
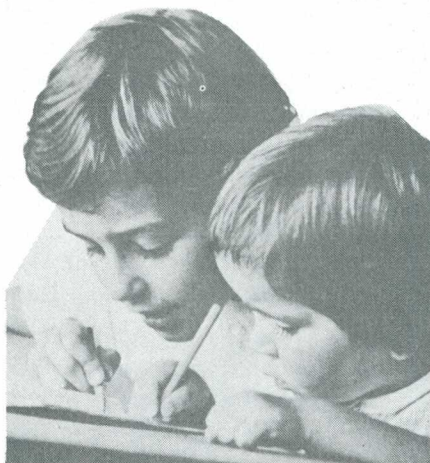
Os livros escolares, por suas características e objetivos, são veículos poderosos para a formação e informação de nossas crianças. Eles lhes dão uma visão do mundo e do valor das coisas no mundo.

No entanto, cabe aqui uma pergunta: que espécie de mundo e de valores os livros escolares estão mostrando às crianças? Uma rápida espiadela nestes livros revela que o mundo apresentado em seus textos e ilustração está muito distante daquele em que habitamos e que a realidade por eles proposta é, no mínimo, irreal e discriminatória.

Com o que deparamos ao folhear um livro escolar? Ilustrações de meninas preocupadas com a aparência, meninas passivas (nas ilustrações, elas estão quase sempre contemplando as atividades dos demais), inseguras, indecisas e emocionalmente descontroladas.

As ilustrações referentes aos meninos são, geralmente, mais trabalhadas e interessantes. Eles são apresentados em constante atividade, com qualidades positivas de iniciativa, habilidade, confiança e controle emocional. É para se perguntar: é esta a realidade que nos cerca? Evidentemente, não. As meninas são mais ativas e dinâmicas do que querem fazer crer as ilustrações dos livros escolares.

O que nos preocupa, pois, são as conseqüências que estas ilustrações e exemplos podem causar na formação e desenvolvimento das meninas. A questão que se coloca é: queremos



para nossas meninas exemplos fracos e falhos como estes? Que espécie de mulheres se formam a partir desses exemplos?

A questão seguinte diz respeito aos exemplos de ocupação apresentados pelos livros escolares. As mulheres são apresentadas em trabalhos da esfera familiar: mãe, dona-de-casa, empregada doméstica, enfermeira e professora de escola primária, quando se sabe que as mulheres vêm se dedicando a um número cada vez maior de atividades. Enquanto isso, nas ilustrações, meninos e homens são apresentados num leque enorme de atividades fascinantes e envolventes.

Se os modelos ocupacionais e profissionais apresentados às nossas meninas são tão poucos, deve-se concluir que, necessariamente, reduzem as perspectivas e opções de futuro das mesmas.

Pode-se em sã consciência estreitar a visão de futuro de uma jovem? Fazê-la crer que, para ela, as opções de vida são *limitadas* e *limitantes*?

Para a menina, assimilar a visão do mundo (irreal) que os livros escolares propõem é quase como vestir uma camisa-de-força em seus anseios e aspirações. Camisa-de-força que dificulta uma visão ampla e objetiva de seu futuro e conseqüentemente a impede de se preparar adequadamente para a vida.

Sugere-se a pais e professores que examinem os livros escolares e alertem filhos e alunos para os anacronismos e falhas ali existentes. (Plana).

ONDE HÁ CRIANÇA, HÁ FESTA E ALEGRIA

Maria do Carmo Fontenelle

A felicidade de ter amigos "geniais".

Estive viajando e cheguei com saudades da casa! Fui injusta com os três pequenos amigos, quando planejei fugir do aniversário, pois eles esperavam que eu chegasse para "cantar parabéns". Para eles, se faltou a velinha e o canto de "parabéns", não houve aniversário.

Com as suas crianças, não acontece a mesma coisa? Tome nota para aquelas que não querem envelhecer. Segundo a mentalidade das crianças, basta não cantar parabéns para não haver mais aquele ano de idade. Fá-

cil! Não é? Aliás, tudo é fácil no mundo encantado onde elas vivem!

De repente começou a correria, e a turma apareceu carregando, cada um, um estojo bonito com lápis e um caderno com lindas figuras coloridas.

— O que é isso? De onde vocês estão vindo?

— Cáu! Nós estamos aprendendo inglês! Você não sabia? É com a "Teacher" do 4º andar! — Olhe o meu caderno!... Olhe o meu!... Eu já estava mostrando primeiro!... Você possui na minha frente!...

E daí quase, quase estourava uma briguinha de sair faísca!

— Cáu, você fez aniversário? Você apagou a sua velinha? Não?! Não

pode ficar sem aniversário, Cáu! (Para eles o maior absurdo do mundo!)

— Vocês querem cantar parabéns hoje? Então eu faço um bolo rapidinho para um aniversário de araque. Mas, com uma condição: que o "parabéns" seja cantado em inglês. Está combinado?

— Combinado!

— Viva a Cáu! Não esqueçam de convidar também a "Mother" e a "Teacher". Tá?

Corri à cozinha e encontrei um Bolo Sol de massa pronta, de fubá. Acrescentei queijo ralado, conforme sugestão no próprio pacote. Ficou delicioso e diferente. (Vale a pena experimentar.)

Recomendei aos três amigos que me dessem um tempo: uma hora mais ou menos. Bati e assei, num instante. Arrumei o bolo, já fatiado, para esfriar mais depressa.

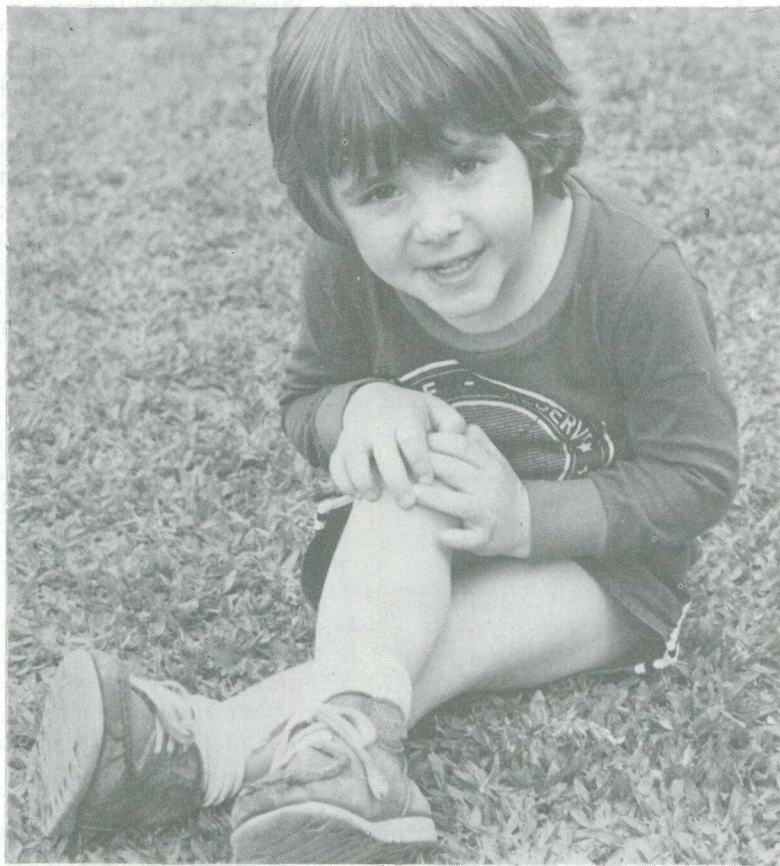
Logo chegaram os três amigos: O Teteio, o Binho e a Catinha, trazendo mais alguns amigos deles. O Binho ainda perguntou se podia convidar aqueles seus amigos.

— É lógico! Eles já estão dentro da "festa"! Hoje a festa é nossa! É de quem vier! Desde que tenham idade bastante, como vocês: 2 a 6 anos. Só é proibida a entrada de menores de 1 ano, como a Nicole, a Camila e o Samuel.

O bolo fatiado estava facilitando as pequenas provas: Um pedacinho... outro... mais outro... Foi preciso acender logo a velinha, servir os guaranás e coca-colas, antes que ficasse a velinha sem bolo.

A "Mother" e a "Teacher" ainda chegaram a tempo de saborear as últimas fatias.

Foi um "happy". "HAPPY BIRTHDAY" que deseja a todos vocês, que têm a felicidade de possuir amigos geniais, nessa faixa de idade quando ainda têm muito de anjos...



RECEITAS GOSTOSAS E FÁCEIS QUE ATÉ CRIANÇA PODE FAZER

Torta cambalhota de maçã

3 maçãs
1 xícara de ameixa preta
1 xícara de açúcar
1 1/2 xícara de farinha de trigo
1 colher (das de sopa) de fermento em pó
4 colheres de manteiga
3 ovos
1 xícara de leite.

Aqueça o forno médio. Unte uma forma refratária com manteiga. Descasque e pique as maçãs, arrume-as, formando uma camada no fundo. Espalhe por cima as ameixas. Peneire junto a farinha, o açúcar e o fermento e espalhe bem sobre as ameixas. Regue tudo com a manteiga derretida (ou espalhe pedacinhos de manteiga gelada). Bata os ovos, clara e gema juntos, e despeje também sobre a forma com as maçãs. Por último despeje o leite. Leve ao forno quente. Assa em 20 minutos.

Sirva com creme de leite adoçado ou com sorvete de creme.

Pizza de biscoito

Cream Cracker

1 pacote de biscoitos
Cream Cracker

manteiga
tomates
orégano
fatias de mussarela
tempero como fondor
Maggi.

Acenda o forno quente. Corte os tomates em rodadas. Passe manteiga dos 2 lados dos biscoitos. Coloque os tomates sobre os biscoitos. Polvilhe com fondor. Coloque sobre cada biscoito 2 fatias de mussarela. Espalhe um pouquinho de orégano por cima. Coloque os biscoitos na assadeira e leve ao forno quente até derreter o queijo.

Se quiser uma pizza ainda mais gostosa, coloque um fiapinho de aliche sobre cada biscoito. Sirva bem quente.

Massa de qualquer torta

2 xícaras de farinha de trigo
1 colherinha de fermento em pó
1/2 lata de creme de leite
4 colheres de gordura vegetal gelada
1/2 colherinha de sal.

Não coloque açúcar na massa, mesmo que seja para uma torta doce.

Trabalhe sobre mesa de fórmica (ou inox ou mármore). Peneire a farinha misturada com o fermento. Faça um montinho e afunde no meio como se fosse um ninho. Nesse ninho coloque 1/2 lata de creme de leite, a gordura vegetal gelada e o sal. Comece a misturar tudo com a ponta dos dedos. No começo, fica uma pasta gru-

denta, depois se transforma em massa. Quando a mesa estiver limpinha e a massa soltando das mãos, está pronta. Polvilhe um pouco mais de farinha na massa, embrulhe-a num guardanapo limpinho e deixe descansar por 1 hora na geladeira.

FORRE A FORMA ASSIM: divida a massa ao meio, abra uma metade com o rolo, no tamanho da forma, e forre o fundo. Faça um rolinho com o restante da massa, de comprimento suficiente para circular a forma. Coloque-o no lugar e aperte com dois dedos contra a beirada da forma até ficar fininha na altura de 3 dedos, para caber o recheio. Dá para uma forma grande e deve ser assada em forno bem quente (250°C).

Mousse de chocolate

5 ovos (ou 6 se forem pequenos)
3 tabletes grandes de chocolate Superior meio amargo Nestlé
1/2 xícara de açúcar
4 colheres de água
1 colherinha de baunilha.

Quebre os ovos, separando as gemas na tigela menor da batedeira e as claras, na maior. Bata as gemas bastante até ficarem bem fofas e claras. Pique o chocolate em pedacinhos, junte o açúcar, a água e a baunilha numa panelinha e leve a derreter em banho-maria. Mexa sem parar até que o chocolate fique derretido e bem lisinho.

Despeje-o sobre as gemas batidas. Bata mais alguns minutos. Retire as pás, lave, enxugue e bata as claras em neve bem firme. Desligue e misture com o creme de gemas e chocolate, com movimentos envolventes. Coloque em taças e leve à geladeira. Dá para 8 porções de apreciadores de coisas gostosas!

Sorvete de limão

Prepare o recheio de Torta de Limão, da receita anterior. Bata duas claras em neve, misture ao recheio de limão. Leve ao congelador e sirva delicioso SORVETE. Use esse creme também para recheiar bolos.

Torta de limão

1 lata de leite condensado
5 colheres de limão
1/2 colherinha de raspa de limão.

Tire o suco e a raspa de limão. Misture numa tigela com o leite condensado, vá mexendo com colher. À medida que for ficando bem misturado, vai endurecendo e formando um creme tão consistente como maionese.

Está pronto o recheio. Use-o para recheiar bolo ou torta, ou faça sanduichinhos com biscoito Maria. (novidade para uma festinha. Que tal?).

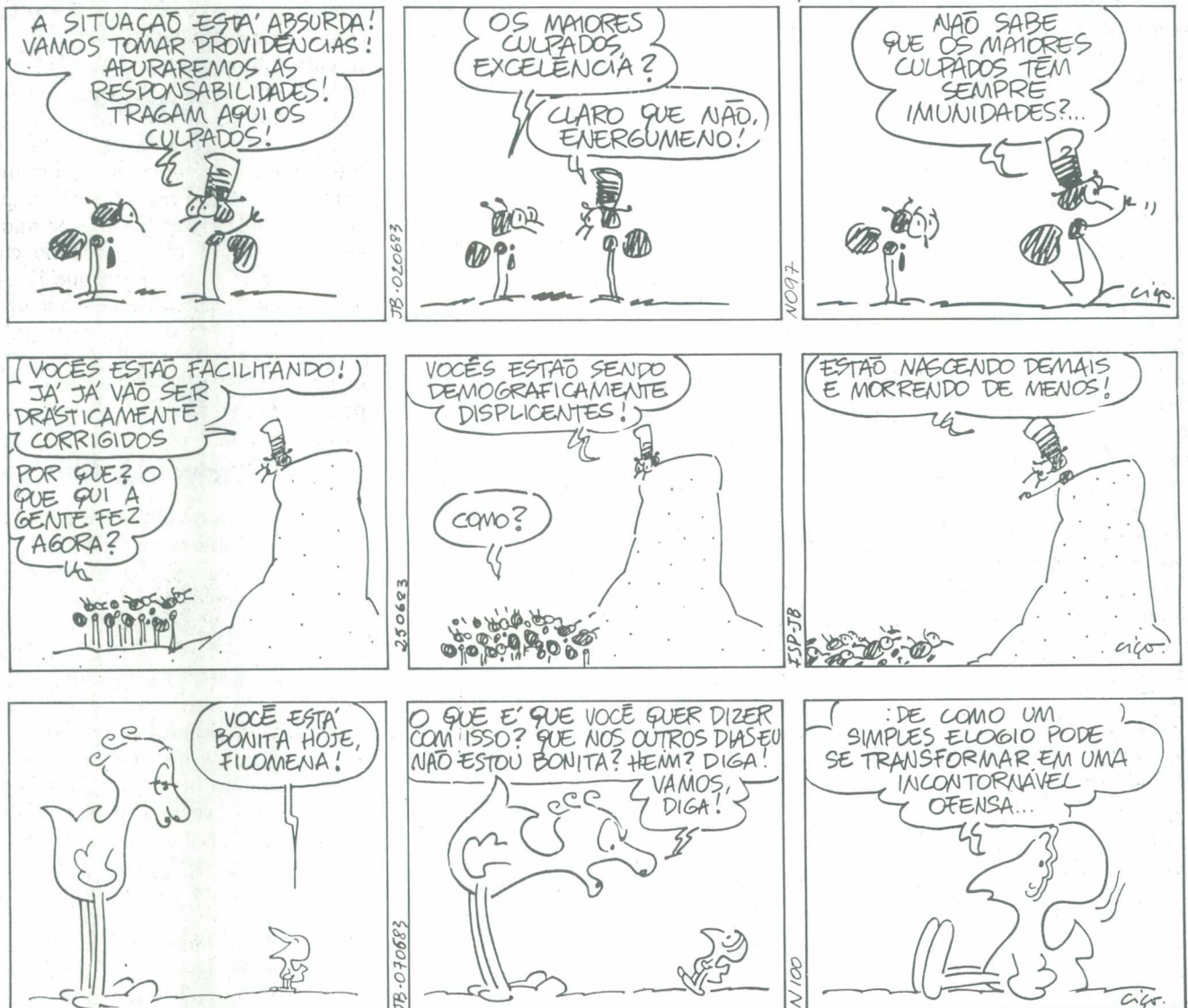
HUMOR

CEBOLINHA (MAURÍCIO)



QUERIDO, VOCÊ SABE, AQUELE DINHEIRO QUE VOCÊ DEU PARA AFEIRA E PARA AS COMPRAS? SÓ DEU PARA AS COMPRAS. VOCÊ TINHA RAZÃO, O NOSSO DINHEIRO NÃO ESTÁ VALENDO MAIS NADA.

O PATO (CICA)



INTOLERÂNCIA OU VERDADEIRO AMOR?

Donald Lazo (Diretor da REINDAL)

O alcoólatra que não sabe que pode parar de beber, não pára.

Muitos anos atrás li um folheto intitulado "HOW TO KNOW AN ALCOHOLIC" ("COMO RECONHECER UM ALCOÓLATRA"). Foi escrito pela Sra. Marty Mann, fundadora do National Council on Alcoholism, a organização que mais literatura sobre alcoolismo dissemina no mundo. Foi a primeira mulher recuperada em Alcoólicos Anônimos e tornou-se uma das maiores autoridades no campo, escrevendo vários livros e folhetos e viajando por muitos países para palestrar sobre o alcoolismo.

Achei tão maravilhoso aquele folheto que escrevi para a Sra. Mann, pedindo-lhe permissão para traduzi-lo para o português e distribuí-lo no Brasil. Ela me concedeu a permissão prontamente. No folheto em português, coloquei o título "ALCOOLISMO — A DOENÇA QUE TODOS ESCONDEM". Embora não seja um folheto de Alcoólicos Anônimos, vários escritórios dessa irmandade o vendem para angariar fundos. O folheto aconselha familiares da seguinte maneira:

"Jamais se deve tratar mal um alcoólatra. É preciso reconhecer que é uma pessoa doente e que seu comportamento, por irracional que seja, é parte da doença. Por outro lado, devem permitir que ele se trate mal. Assim, não devem tirá-lo dos seus apertos. Não devem, por exemplo, cobrir seus cheques sem fundos. Sua esposa não deve telefonar ao seu chefe para dizer que o marido está gripado quando, na verdade, está acamado com ressaca. Não devem nem evitar que ele perca seu emprego por causa de suas bebedeiras. Não devem evitar que seja preso. Devem começar a aprender a viver sem os ganhos dele, porque amanhã fatalmente ele não estará ganhando mais. E não devem permitir que ele viva à custa dos outros. Se não seguirem estes

conselhos, estarão adiando o dia em que ele procurará solucionar seu caso. Tudo isto porque ele só vai querer parar de beber (e sua recuperação depende desse desejo) quando sentir na alma as conseqüências de suas bebedeiras".

No seu número de junho/83, uma revista médica se refere a esse trecho e faz o seguinte comentário: "Parece bastante temerária uma atitude como a recomendada no folheto, porque uma pessoa em crise pode eventualmente se recuperar, mas é bem mais possível que afunde na depressão. Assim, o indivíduo que já não conta com apoio psicológico da família, que perde o emprego, etc., pode, em lugar de salvar sua vida, tentar acabar com ela. Sabe-se que é muito elevado o número de alcoólatras que tentam o suicídio. Por isso, há um risco inerente em recomendações desse tipo".

O artigo continua: "A verdade é que é muito difícil abordar o problema do alcoolismo numa sociedade tão marcada por preconceitos como a nossa. Até mesmo as pessoas melhor intencionadas do país acabam caindo na armadilha da intolerância e dos preconceitos moralistas. Inclusive, os próprios médicos não fogem disso. Segundo o psiquiatra Arthur Guerra de Andrade, é comum entre estudantes de medicina a visão moralista do alcoolismo, encarado com problemas ligados à falta de caráter do indivíduo. Se esse estudante não for esclarecido a tempo, vai passar a exercer a profissão com aquela mesma visão deturpada de sua juventude. E é claro que um médico com preconceito nunca será capaz de tratar eficientemente de um alcoólatra".

É muito interessante e muito natural a ressalva feita pela revista médica. Parece estar dizendo que quem deixar o alcoólatra se tratar mal (isto é, sofrer as conseqüências do seu be-

ber) está "caindo na armadilha da intolerância" ao encarar o alcoolismo como problema ligado à falta de caráter quando, na realidade, é uma enfermidade não controlada pelo doente. A lógica do argumento seria a seguinte, continua a revista médica: reconhecer que o alcoolismo é uma doença, mas depois "exigir apenas boa vontade do doente para curá-la tem o mesmo significado que pedir ao canceroso boa vontade para curar seu mal".

Com todo respeito pelo autor do artigo, parece-me que ele tem uma visão confusa do que seja o alcoolismo. E a sua visão é tão comum — quer dizer, a confusão dele é comparilhada de maneira tão generalizada por leigos e profissionais — que gostaria dedicar vários artigos futuros a esclarecer este aspecto do alcoolismo: por que se chama doença? É mesmo uma doença como câncer que o doente não pode controlar, ou é uma doença como diabetes que *pode* ser controlada pelo próprio doente? Tenho ouvido muitos alcoólatras justificar suas bebedeiras, dizendo: "Finalmente, sou um doente alcoólatra". Na minha opinião — e cabe lembrar-lhes que eu sou alcoólatra (que não bebe mais) — quem aceitar esse raciocínio cai, ele mesmo, na armadilha que já enredou tantos alcoólatras. Porque uma das maiores verdades em alcoolismo é que o ALCOÓLATRA QUE NÃO SABE QUE PODE PARAR DE BEBER, NÃO PÁRA. *Mas aquele que aceita que não pode beber, consegue parar e se recuperar.*



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

Sua melhor chance de se recuperar do alcoolismo e iniciar uma vida nova, produtiva e feliz.

Cx. Postal 20.896
91498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

2º DOMINGO DA PÁSCOA — 29/4/84

REDESCOBRIMOS A IGREJA DE JESUS CRISTO RESSUSCITADO



1ª LEITURA: *At 2,42-47*. Evocação dos primórdios da Igreja: a vida da comunidade apostólica em Jerusalém. A comunidade consiste em ter tudo em comum. O ensino dos Apóstolos e o culto realizam-se no Templo. A alegria e magnanimidade do grupo são contagiosas; aí está o segredo do sucesso missionário.

2ª LEITURA: *1Pd 1,3-9*. Pedro quer confortar os cristãos oriundos do paganismo, na Ásia Menor, que vivem sob a ameaça

da perseguição. Ser perseguido é ser purificado como ouro na fornalha. É receber o prêmio pela prática empreendida pela mudança de um contexto histórico.

EVANGELHO: *Jo 20,19-31*. No primeiro dia da semana, o dia da assembléia dominical, o Espírito de Deus é dado pelo ressuscitado, para renovar os homens, purificando-os do pecado, mediante a comunidade dos fiéis, portadora desta missão. A primeira comunidade teve o privilégio de ver e apalpar o ressuscitado; as gerações seguintes deverão crer por seu testemunho de fé.

COMENTÁRIO: Pedro e João querem testemunhar e mostrar a glória e a humanidade de Jesus Cristo que se manifestam conjuntamente: a humanidade indica a divindade. Falar de Jesus é, portanto, falar do presente, não há passado, não há futuro, mas eternidade. Jesus, pois, não virá uma segunda vez porque Ele já está aí presente, antecipa-se o Reino. Esta deve ser nossa esperança. Ele “está no céu” e está aqui ininterruptamente. Mas isto é duro demais para nós porque exige compromisso, conversão, optar decididamente pela justiça. Alguém pergunta, escandalizado: se o Reino já está presente, por que há tanta morte, tanta injustiça, tanta corrupção? A resposta é única e sem rodeios: simplesmente porque ainda não cremos suficientemente em Jesus Cristo RESSUSCITADO. Identificamo-nos muito com o Jesus Cristo da sexta-feira da “paixão”, morto, supostamente fracassado em sua práxis; deste, sim, damos testemunho, fazemos até vias-sacras, choramos com a “Verônica” suas dores, mas quando deparamos com o Jesus Cristo Ressuscitado não temos coragem de proclamá-Lo porque isto vai exigir luta pela justiça, humildade, obediência, serviço, comunhão dos bens e, sobretudo, denúncia da exploração, da mentira e indiferença praticadas pelos donos do poder. E, como Pedro, negamos saber quem é este Jesus Cristo. Não O “conhecemos”. Não obstante esta constatação, sabemos que existe um bom grupo que descobriram o Jesus Cristo Ressuscitado e têm a coragem de testemunhá-Lo em meio a seu ambiente incrédulo e ausente do amor, trabalhando assim pela única verdade proibida deste mundo: o Reino de Deus. As guerras, o empobrecimento do povo e a injustiça são o resultado de uma “fé” aparentemente manifestada no Templo, mas que não se expande e se radica na vida da comunidade. A fé verdadeira no Jesus Cristo Ressuscitado nos faz solidários uns com os outros, nos torna irmãos, nos conscientiza a respeito de nossos direitos. Surge uma nova consciência de ser Igreja, para a comunhão e participação. Mas descobrimos este caminho não por nós mesmos e sim pelo Espírito Santo que viabiliza nosso agir e nos dá a esperança de que estamos no caminho certo. Oxalá esta páscoa possa nos ajudar a perceber o novo caminhar da Igreja e fazer nossa comunidade virar felicidade com nossa fé.

3º DOMINGO DE PÁSCOA — 6/5/84

O DEUS DESCONHECIDO CAMINHA CONOSCO



Estamos vivendo o tempo da Páscoa. Nestes domingos as leituras dos evangelhos nos falam de Jesus Ressuscitado. Ele apareceu vivo e de muitas maneiras. Ele entra por portas fechadas, dá uma bênção, mostra as mãos e os pés, e discípulos caem de joelhos...

1ª LEITURA: *At 2,14.22-28*. O tema central desta leitura é Deus ter livrado Jesus do poder da morte. Este texto abrange uma parte do discurso querigmático que Pedro proferiu. O elemento essencial

do querigma dos judeus é a proclamação da vida, morte e ressurreição como ação salvífica de Deus. Na leitura de hoje, os versículos 22-24 abrangem o querigma, e os demais versículos 25-28 são o argumento escriturístico. No querigma acentua-se várias vezes a iniciativa de Deus nos eventos pascais. O papel dos homens nos eventos pascais revela que a salvação dos homens é total e exclusivamente da iniciativa de Deus. A ressurreição de Jesus é o caminho que leva a vida para todos aqueles que Nele crêm.

2ª LEITURA: *1Pd 1,17-21*. Com o tema central: “A vossa fé e a vossa esperança estão firmadas em Deus”. A unidade literária desta leitura está cheia de alusões ao comportamento do povo de Deus, do início do êxodo, do Egito até a entrada na terra prometida. O sinal da libertação consistiu no sangue do Cordeiro Pascal com que se marcaram as portas (v. 19; cf. Ex 12,21). Durante a peregrinação pelo deserto (v. 17) o povo recebeu através de Moisés a lei que pode ser resumida nesta frase: “Sejam santos porque eu sou santo”. O autor desta carta compara a existência cristã com a sorte dos israelitas que esperavam sua libertação do Egito. Cristo se revela o caminho da salvação para todos, “predestinado antes da criação do mundo e no final dos tempos manifestado por amor de vocês” (v. 20).

EVANGELHO *Lc 24,13-35*. Jesus caminha com os discípulos de Emaús. Esta narrativa possui a sua forma literária semelhante ao texto de Atos 8,26-39. Ambas as narrações obedecem ao mesmo esquema, mas cada qual tem sua forma literária bem definida; relatam a paixão e a morte de Jesus sob o mesmo ângulo de vista, isto é, tudo se realizou conforme as Escrituras. Neste texto encontramos os elementos essenciais do querigma apostólico que são: o resumo da vida pública e da paixão e morte de Jesus. A parte principal está na explicação das Escrituras e a proclamação da ressurreição é atribuída ao próprio Jesus ressuscitado. O próprio Jesus ressuscitado reparte na liturgia da Palavra com os seus discípulos o Pão da Palavra, e na liturgia eucarística reparte com os mesmos o Pão Eucarístico.

Algumas vezes nós somos cegos e surdos como os discípulos de Emaús. Deus anda conosco constantemente e nós não O reconhecemos. Jesus é o companheiro de nossa caminhada. Ele está constantemente ao nosso lado quer nas alegrias quer nas tristezas. Não precisamos procurar Jesus nos acontecimentos maravilhosos, mas no cotidiano, nas coisas simples do dia-a-dia. Há tanta gente que está à procura de companhia, de afeto, carinho, e isto se apresenta com maior intensidade no mundo secularizado e técnico. Toda vez que uma pessoa se apresenta em nossa vida, é Jesus mesmo que está batendo em nossa casa.

TODOS SOMOS CHAMADOS PARA CRIAR COMUNHÃO



1ª LEITURA: At 2,14a.36-41.

Tem como tema central a conversão. Pedro anuncia Jesus, morto e ressuscitado, como o Messias e Senhor, convidando à conversão. Neste discurso Pedro relaciona o acontecimento do Pentecostes com a Ressurreição: Jesus ressuscitou e deu o Espírito Santo. E termina o discurso com esta proclamação, mostrando o pecado dos homens que não reconheceram a Jesus; os homens o crucificaram e Deus O tornou Messias e Senhor (Mt 26,63).

No anúncio de Pedro cumpre-se a palavra de Jesus em João 15,26-27. Os ouvintes são atingidos (vv. 33,36) e reconhecem seus pecados (v. 37). Pedro nos convida à conversão e ao batismo, para receber o perdão dos pecados e o dom do Espírito (v. 38). O povo que nasce da ressurreição é um povo universal, aberto a todos porque Deus quer salvar e dar a vida a todos (Jo 3,16). Anunciar Jesus Cristo é convidar à mudança de vida. A conversão é o início da vida nova, uma passagem para viver no Espírito de Deus.

2ª LEITURA: 1Pd 2,20b-25. Pedro nos faz um convite: seguir os passos de Jesus. O autor convida os cristãos que estão sendo perseguidos a suportarem o sofrimento com paciência (v. 20). Os vv. 21-25 contêm diversas referências ao profeta Isaías, de modo especial ao capítulo 53. A vida cristã é um chamado para a participação na vida de Jesus que inclui a cruz e a glória (Mc 8,31ss.). Este texto salienta também a participação no sofrimento em seguindo o exemplo de Cristo (v. 21). Como Cristo inocente e perseguido, também nós devemos tomar suas atitudes como programa de vida (v. 21-24). Mas Jesus é mais do que um exemplo para nós. Ele deu a sua vida para que morrêssemos ao pecado e vivêssemos para a justiça, tornando-se assim o Pastor que reúne as ovelhas (Mc 6,34).

EVANGELHO: Jo 10,1-10. Jesus é a porta para a vida. Este discurso tem como pano de fundo o texto do profeta Ezequiel (34,1-10). O texto do evangelho de hoje pode ser dividido assim: temos uma parábola (vv. 1-5); ela não é compreendida (v. 6); vem a primeira explicação (vv. 7-10). A parábola contrasta o ladrão-bandido e o Pastor. O ladrão pula o muro para evitar o guarda (v. 3); as ovelhas não seguem o estranho porque não conhecem a sua voz (v. 5). O Pastor entra sempre pela porta (v. 2). Ele dá nome às ovelhas, Ele as chama pelo nome, elas o seguem porque conhecem a sua voz (v. 4). Para a compreensão desta parábola é preciso ter fé. Jesus é o Pastor e a ovelha é o discípulo que ouve e segue o Mestre. Jesus é o Messias-Pastor que Deus suscita. Os homens reconhecem Jesus como o Enviado de Deus porque Ele salva e conduz à vida (Jo 3,16). Jesus veio para dar a vida aos homens. Ele dá a vida eterna que já se concretiza na fé. Jesus é o único salvador e mediador para a vida.

Neste evangelho Jesus se apresenta como o Pastor que conhece as suas ovelhas. Chama cada ovelha pelo nome e elas conhecem a voz do Pastor e o seguem. Jesus não fala de um relacionamento de uma maneira como faz o domador com seus animais, mas de um relacionamento pessoal, de uma verdadeira comunhão. Jesus cria comunhão e confiança, pois Ele torna deste modo Deus presente entre os homens. Os pastores devem ser pessoas que assumam atitudes semelhantes de Jesus: ser imagem de Deus que se preocupa com os homens, pessoas que devem dar atenção a todos, que sabem dizer a palavra certa na hora certa.

JESUS RESSUSCITADO É O VERDADEIRO CAMINHO PARA A VIDA



1ª LEITURA: At 6,1-7. Tem como tema central: “Escolham entre vocês homens de confiança, entendidos e cheios do Espírito Santo”. A Igreja vai crescendo em número e complexidade. Vão surgindo novos problemas e para isto urge uma nova organização interna para atender às necessidades. E o grande problema é este: como atender às viúvas dos judeus de língua grega no aspecto material? (v. 1). Os Apóstolos são em primeiro lugar homens da Palavra e

da Oração, pois esta é a sua missão em favor da comunidade. O mistério da palavra compreendia: o anúncio missionário, a instrução dos fiéis e a exortação moral da comunidade. O ministério da oração consistia na reunião eucarística e nas reuniões para oração comunitária. Os Apóstolos reúnem a assembléia dos cristãos e sugerem a criação de um novo ministério, novo serviço, a diaconia (v. 3). A proposta é aceita pela assembléia que escolhe sete homens para o serviço das mesas (v. 5). O serviço da diaconia é um serviço à comunidade, participando no ofício dos Apóstolos, e é por isto que são escolhidas pessoas idôneas (v. 3). E recebem a imposição das mãos (v. 6).

2ª LEITURA: 1Pd 2,4-9. “Vocês são pedras vivas que Deus usa na construção de um templo espiritual”. O autor relembra aos cristãos a grandeza da vocação cristã, apresentando a Igreja como novo templo e novo Israel constituído pela fé em Jesus. Pela morte Jesus é a pedra rejeitada (Mt 21,42), a pedra que foi abandonada como inútil (Sl 117,22) pelos que não têm fé e torna-se pedra de tropeço (v. 6). Mas na sua ressurreição Jesus tornou-se a pedra viva, a pedra que apóia o arco, dando solidez à construção (v. 7). Os homens que participam da morte e ressurreição de Jesus através do batismo são os que têm fé em Jesus e são pedras vivas da Igreja, o templo espiritual. O sacrifício que Deus quer de cada um de nós é a santificação da vida, do trabalho e de todas as realidades do mundo, para criar um mundo novo em Jesus Cristo e oferecê-lo em ação de graças a Deus. Aqueles que pela fé aceitaram o Cristo ressuscitado como fundamento de suas vidas participaram da honra que Ele recebeu, e aqueles que não creram tropeçarão e acabarão se perdendo.

EVANGELHO: Jo 14,1-12. São João nos mostra o verdadeiro caminho para a vida: “Quem me vê, vê também o Pai”. A característica fundamental da vida da Igreja neste mundo é a tranquilidade que vem da fé em Jesus Cristo. Pois é esta a idéia dominante da leitura de hoje. Quem crê nunca se desespera. O verdadeiro caminho para a vida dá-se através de Jesus Cristo. João mostra que Jesus é o único caminho, a porta para a vida, pois Nele está a revelação do Pai no qual está a fonte e o fim de toda a vida. Jesus é a Verdade porque é o revelador do Pai. É a vida de Deus porque o Pai está Nele presente. De agora em diante o único e autêntico modo de viver é viver em Jesus porque só em Jesus nós podemos reconhecer e encontrar o segredo da verdadeira vida: O próprio Deus presente. As mensagens e as práticas de Jesus revelam quem é o Pai. As palavras de Jesus são palavras do Pai e nos advertem que neste Reino (Reino de Deus) não se entra mecanicamente: é preciso aceitar na fé, crer em Jesus e converter-se. Converter-se exige de nós rupturas, novas atitudes no espírito das bem-aventuranças.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de maio — 3ª-Feira: 1ª Leitura At 4,32-37, Evangelho Jo 3,7-15; **Dia 2** — 4ª-Feira: 1ª Leitura At 5,17-26, Evangelho Jo 3,16-21; **Dia 3** — 5ª-Feira: 1ª Leitura 1Cor 15,1-8, Evangelho Jo 14,6-14; **Dia 4** — 6ª-Feira: 1ª Leitura At 5,34-42, Evangelho Jo 6,1-15; **Dia 5** — Sábado: 1ª Leitura At 6,1-7, Evangelho Jo 6,16-21; **DOMINGO: Dia 7** — 2ª-Feira: 1ª Leitura At 6,22-29, Evangelho Jo 6,22-29; **Dia 8** — 3ª-Feira: 1ª Leitura At 7,51-59, Evangelho Jo 6,30-35; **Dia 9** — 4ª-Feira: 1ª Leitura At 8,1b-8, Evangelho Jo 6,35-40; **Dia 10** — 5ª-Feira: 1ª Leitura At 8,26-40, Evangelho Jo 6,44-52; **Dia 11** — 6ª-Feira: 1ª Leitura At 9,1-20, Evangelho Jo 6,52-59; **Dia 12** — Sábado: 1ª Leitura At 9,31-42, Evangelho Jo 6,60-69; **DOMINGO: Dia 14** — 2ª-Feira: 1ª Leitura At 1,15-17.20-26, Evangelho Jo 15,9-17; **Dia 15** — 3ª-Feira: 1ª Leitura At 11,19-26, Evangelho Jo 10,22-30; **Dia 16** — 4ª-Feira: 1ª Leitura At 12,24-c13,5a, Evangelho Jo 12,44-50; **Dia 17** — 5ª-Feira: 1ª Leitura At 13,13-25, Evangelho Jo 13,16-20; **Dia 18** — 6ª-Feira: 1ª Leitura At 13,26-33, Evangelho Jo 14,1-6; **Dia 19** — Sábado: 1ª Leitura At 13,44-52, Evangelho Jo 14,7-14; **DOMINGO: Dia 21** — 2ª-Feira: 1ª Leitura At 14,5-17, Evangelho Jo 14,21-26; **Dia 22** — 3ª-Feira: 1ª Leitura At 14,18-27, Evangelho

Jo 14,27-31a; **Dia 23** — 4ª-Feira: 1ª Leitura At 15,1-6, Evangelho Jo 15,1-8; **Dia 24** — 5ª-Feira: 1ª Leitura At 15,7-12, Evangelho Jo 15,9-11; **Dia 25** — 6ª-Feira: 1ª Leitura At 15,22-31, Evangelho Jo 15,12-17; **Dia 26** — Sábado: 1ª Leitura At 16,1-10, Evangelho Jo 15,18-21; **DOMINGO: Dia 28** — 2ª-Feira: 1ª Leitura At 16,11-15, Evangelho Jo 15,26-c16,4a; **Dia 29** — 3ª-Feira: 1ª Leitura At 16,22-34, Evangelho Jo 16,5b-11; **Dia 30** — 4ª-Feira: 1ª Leitura At 17,15-22-c18,1, Evangelho Jo 16,12-15; **Dia 31** — 5ª-Feira: Sf 3,14-18a ou Rm 12,9-16b, Evangelho Lc 1,39-56.

PENTECOSTES

Alceu Luiz Orso



Pentecostes não é um acontecimento que se situa no passado, porque o Espírito continua amando os homens.

Há dois textos que relatam a vinda do Espírito Santo: At 2,1-11 e Jo 20, 19-23.

O relato de João divide-se em duas partes: 1) vv. 19-20 — a vinda de

Jesus e a alegria dos discípulos. Jesus está de repente no meio deles. As portas estavam fechadas por medo dos judeus. Esta idéia reflete a situação dos cristãos no final do I século

(Jo 7,13; 9,22, 12,42; 19,38, perseguição, exclusão da sinagoga). Jesus dirige-se aos discípulos com um voto de paz. E é repetido 3 vezes (vv. 19.21.26). Isto é o cumprimento das

promessas feitas por Jesus na sua despedida. Neste discurso de despedida apareceram estas promessas: a) os seus não de revê-lo (14,19; 16,16). b) Há grande alegria (16,21; 24). c) Dá a sua paz (14,27).

2) Nesta segunda parte, os vv. 21-23 falam da missão dos discípulos e do dom do Espírito Santo. Jesus confia aos Apóstolos a sua missão. Para este trabalho missionário é preciso a assistência do Paráclito, pois Ele é: a) o Espírito da verdade (14,17); b) que ensina tudo (14,26); c) dá testemunho de Jesus (15,26). Jesus confia a própria missão que ele recebera do Pai: revelar o amor de Deus pelos homens, para salvar e dar a vida (Jo 3,16-21; 20,23).

O texto dos Atos dos Apóstolos (2,1-11) sublinha o alcance universal do evento, e isto aparece de modo claro: a) pela lista dos povos (2,9-11), indica que os Apóstolos têm uma missão junto a todas as nações; b) pelo texto do profeta Joel (3,1-5) que o Livro dos Atos (2,17-21) retoma, em cuja explicação se sugere que a realização da promessa diga respeito a todos os homens de todas as nações: sem distinção de sexo ("profetizarão os vossos filhos e filhas" — JI 3,1a), de idade ("os vossos jovens terão visões e vossos anciãos terão visões" — JI 3,1b) e de classe social ("sobre meus servos e sobre minhas servas derramarei naqueles dias o meu Espírito" — JI 3,2).

No Antigo Testamento o Espírito de Deus é geralmente dado a indivíduos ou a grupos dentro do povo, que agem como representantes quer de Deus junto ao povo, quer do povo junto de Deus. Para o futuro esperava-se e profetizava-se a participação

de todo o povo no Espírito de Deus (Nm 11,29; Is 44,3; JI 3,1-5).

A presença do Espírito Santo manifesta-se primeiro por um ruído (At 2,2); ou um som (At 2,6), depois pelo aparecimento de línguas de fogo que se repartem (At 2,3). Tais fenômenos caracterizam a teofania do Simai (Ex 19,16-19).

Os Apóstolos são chamados a levar a todos os povos da terra a mensagem da nova Aliança no Espírito que vivifica e não mais na letra que mata (2Cor 3,6), tornando o Evangelho inteligível a todos os homens de todos os tempos segundo a língua, cultura e os modos de pensar deles.

No Pentecostes, o Espírito restaurou a unidade perdida em Babel (Gen 11,1-11). É a porta que abre o caminho da Igreja. O Pentecostes assinala o pleno cumprimento das promessas de Jesus e abre a todos os povos o caminho da salvação.

O Pentecostes é a festa da plenitude, é a recepção do Espírito Santo para ser a alma da Igreja, para impulsionar o seu dinamismo. É no Pentecostes que os Apóstolos ficaram cheios do Espírito Santo, começaram a pregar e formar a Igreja.

Quando inicia sua vida e ação, a Igreja recebe o Espírito Santo para ser sua constante força e o impulsionador. A doação do Espírito Santo tem finalidades bem precisas para realizar a ação invisível de Cristo glorioso em sua Igreja.

Do mesmo modo como o Espírito Santo esteve presente na criação, Ele está presente agora na renovação do homem operada a partir de Cristo. O Espírito Santo impulsiona o coração do homem para acolher a revelação e aderir ao Cristo. O Espírito suscita o testemunho dos que aderiram ao Cristo; Ele nos dá a alegria e a paz para

a perseverança. O Espírito Santo nos faz chamar a Deus de Pai.

O Espírito Santo age nos sacramentos. A liturgia sempre invocou o Espírito Santo para que realize aquilo que os sacramentos significam. O Espírito Santo conduz a Igreja, todo o povo de Deus e seus Pastores.

O Pentecostes foi um acontecimento decisivo para a Igreja nascente. Transformou profundamente os Apóstolos. De pescadores galileus, homens simples e rudes, foram transformados em pregadores, cheios de fé, prontos a enfrentar as multidões e também as perseguições.

A comunhão estabelecida no Pentecostes reúne os homens dispersos no tempo e no espaço em uma comunidade sem fronteiras; todos podem ouvir, compreender o mistério de sua existência e do seu destino, todos são irmãos. O Espírito Santo sopra onde quer, não é apenas um dom individual, mas sobretudo um fenômeno comunitário. O Espírito mora dentro de cada um de nós.

O Pentecostes nos apresenta uma nova linguagem: a do amor. Ela se expressa na concretidade e assim teremos uma nova comunidade onde as suas notas predominantes são: a vigilância na oração; — a constante e mútua caridade; — a hospitalidade; — todos se colocam a serviço dos outros.

Pentecostes não é um acontecimento que se situa no passado. Ainda hoje é Pentecostes porque o Divino Espírito não volta atrás em seu amor pelos homens. Ele é luz, é sabedoria, é força. O Espírito Santo suscita uma multiplicidade de dons no Corpo do Senhor, que é a Igreja, mas ao mesmo tempo Ele é o princípio de unidade, porque tudo vem do mesmo Espírito. ●

ASSINANTES EM FESTA

Pe. Mariano Parício Serrano comemorou o seu Jubileu Áureo Sacerdotal na Basílica do Imaculado Coração de Maria no Méier, RJ, aos 15/8/83. Que Deus lhe conceda muitos anos de vida para continuar seu apostolado. Parabéns ao casal **Carmen Trindade Molinari** e **Augusto César Molinari** pelos 40 anos de união matrimonial. Parabéns ao casal **Oswaldo Cordeiro Marchiori** e **Maria Angélica M. Marchiori** pelas suas bodas matrimoniais ocorridas aos 29/1/84. Em Conceição do Rio Verde, MG, come-

morou as suas bodas de ouro o casal **Geraldo de Oliveira** e **Lourdes Andrade Oliveira** no dia 8/3/84; parabéns ao casal.

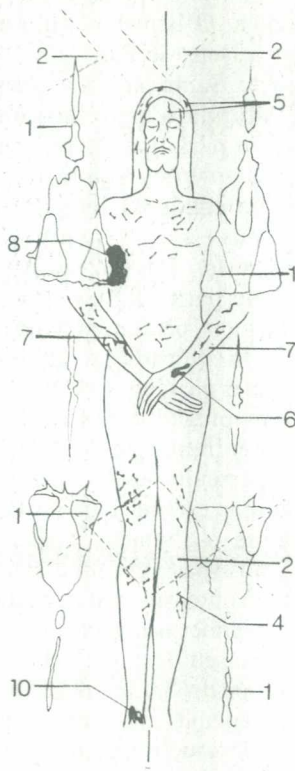
AGRADECEM FAVORES

Misael Lopes de Castro e **Maria Thereza de Filippi** por intermédio de Santo Antônio Maria Claret e Nossa Senhora Aparecida. **Odette de Almeida Rizola Vedovello** por intermédio do Pe. João Reus, Mons. Escrivá, Pe. Leão Dehon, Santa Therezinha, São José, Santo Antônio, São João Bosco, Imaculado Coração de Maria, Santo Expedito e Sagrado Coração de Jesus. **Ma-**

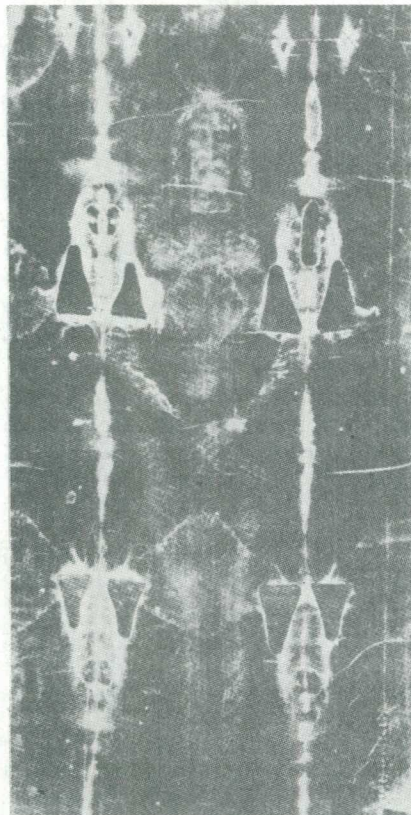
ria Aparecida Pereira por intermédio de Nossa Senhora. **Maria Marques de Barros** por intermédio de Nossa Senhora Aparecida, São Judas, Menino Jesus de Praga e Pe. Quinzinho. **Odette Giglio** por intermédio de Santo Expedito e Menino Jesus de Praga.

NA PAZ DO SENHOR

No Rio de Janeiro, RJ: **José da Costa Ferreira** aos 21/8/83; **Graciosa Bidart** aos 2/11/83; **Carlos Franco Loiola** aos 8/8/83. Em Dolores do Campo, MG, **Antonieta Paixão** aos 9/83. Em São Paulo, SP, **Alessandro Menegazzi** aos 26/11/83.



- | | |
|---------------------------|-------------|
| Esquerda | Direita |
| MARCAS CORRESPONDENTES A: | |
| 1 — Queimaduras | 6 — Prego |
| 2 — Tecido molhado | 7 — Sangue |
| 4 — Açoites | 8 — Lançada |
| 5 — Espinhos | 10 — Prego |



Negativo fotográfico (positivo ótico) da região frontal do corpo. É o negativo das sombras que aparecem no Sudário.

O SUDÁRIO

Tradução da Bíblia

As provas inquietantes que a fé não pede.

● Sudário de Turim é um lençol funerário de um tecido de fibra de linho, um tanto áspero e irregular: mede 4,60m x 1,10m. A sua história é conhecida desde mais ou menos fins de 1350, quando Godofredo de Charny confia o Sudário aos cuidados dos cônegos de Lirey, perto de Troyes.

1453: doado aos Savóias, é transferido para Chambéry;

1578: Emanuel Feliberto o leva para Turim (encontra São Carlos Borromeu que desejava venerá-lo). Aqui é colocado na capela de Guarini, em 1694.

Sobre o lado visível, o Sudário apresenta em negativo as impressões (anteriores e dorsais aproximadas em correspondência com o ponto mais alto da cabeça) do corpo de um homem martirizado e crucificado. As hipóteses (resultantes da extraordinária coincidência entre esta imagem e a dos evangelhos) e a tradição crêem que se trate do lençol no qual José de Arimatéia envolveu o corpo de Jesus descido da cruz para a sepultura, e do qual falam os três sinóticos e — com diferentes palavras — João. Estas coincidências são tais e tantas de modo que justificam a expressão da mais recente e qualificada literatura em questão: o Sudário “testemunha silenciosa” ou “último repórter” da paixão de Cristo, ou ainda “a prova inquietante que a fé não pede”.

Dois dos inimigos fundamentais: o longo período da “clandestinidade” (a grosso modo, e à primeira vista, do sepultamento de Cristo até cerca 1350) e o processo que gerou a imagem: a ciência não encontrou respostas certas, embora tenha constatado que não se trata de uma falsa pintura

ou de uma figura reproduzida por simples contacto.

Vejam, porém, as principais e mais eloqüentes coincidências entre o Sudário e os evangelhos.

* O homem do Sudário (devia medir mais ou menos 1,80m), com base nas impressões, traz sinais de aproximadamente 600 lesões, escoriações, contusões e de uma provável fratura do septo nasal (vejam-se os maus-tratos sofridos por Jesus, por exemplo em Lc 22,63-65).

* O homem do Sudário sofreu a flagelação romana sobre quase todo o corpo. — “Pilatos prendeu Jesus e o mandou flagelar” (Jo 19,1).

* O homem do Sudário sofreu ultrajes e o tormento de uma coroa, ou melhor de uma espécie de boné, sobre a cabeça. — Foi o que aconteceu com Jesus (Jo 19,2).

* O homem do Sudário carregou nos ombros o patíbulo, que lhe produziu grandes escoriações sobre as regiões dos ombros (Jo 19,17); teve os pulsos e os pés transpassados e morreu crucificado (Jo 19,30).

* O homem do Sudário traz o sinal de uma larga ferida produzida por objeto pontiagudo e um corte no lado direito. — “Vendo que (Jesus) já estava morto, um dos soldados transpassou o lado com uma lança, e imediatamente saiu sangue e água” (Jo 19,33).

* Finalmente, o homem do Sudário não sofreu a decomposição pela morte dentro do lençol em que estava envolto: estranhamente, o lençol não revela nenhum sinal duma decomposição resultante da morte.

Na foto ao lado: A SAGRADA FACE estampada no tecido.



Oração a Nossa Senhora do Terceiro Mundo

Irmã peregrina dos pobres de Javé,
Profetisa dos pobres libertados,
Mãe do Terceiro Mundo,
Mãe de todos os homens deste mundo único
porque era a Mãe de Deus feito homem.
Com todos os que crêem em Cristo
e com todos aqueles que de algum modo
procuram seu Reino,
nós te invocamos, Mãe,
para que lhe fales de todos nós.

Pede a Ele, que se tornou Pobre,
que nos comunique as riquezas de seu Amor,
que sua Igreja se despoje,
sem subterfúgios,
de toda outra riqueza.

A Ele, que morreu na Cruz para salvar os homens,
pede-lhe que nós, seus discípulos,
saibamos viver e morrer
pela total libertação de nossos irmãos.
Pede-lhe que nos devore a fome e a sede daquela Justiça
que despoja e redime.

A Ele, que derrubou o muro da separação,
pede-lhe que todos nós, que trazemos o selo de seu Nome,
procuremos de fato, acima de tudo o que divide,
aquela unidade reclamada por Ele mesmo em testamento
e que só é possível na liberdade dos filhos de Deus.
Pede-lhe, a Ele que vive Ressuscitado junto do Pai,
que nos comunique a força jubilosa de seu Espírito
para que saibamos vencer o egoísmo, a rotina e o medo.

Mulher camponesa e operária,
nascida numa colônia
e martirizada pelo legalismo e hipocrisia:
ensina-nos a ler sinceramente o Evangelho de Jesus
e a traduzi-lo para a vida
com todas as revolucionárias conseqüências,
no espírito radical das Bem-Aventuranças
e no risco total daquele Amor
que sabe dar a vida pelos que ama.
Por Jesus Cristo,
teu Filho e Filho de Deus, nosso Irmão.



CB

*Pedro Casaldáliga
Bispo de São Félix do Araguaia, MT*